

C. F. W. Walther

LEI E EVANGELHO

Condensado por Walter C. Pieper

TRADUÇÃO
Wilson Scholz

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
da
Igreja Evangélica Luterana do Brasil

CONCÓRDIA S. A. — Artes Gráficas e Embalagens
Av. do Forte, 586 — 90.000 Porto Alegre — RS
Fones 41-13-84 e 41-23-82
1977

LEI E EVANGELHO

1ª TESE

O conteúdo doutrinário de toda a Escritura Sagrada, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento, é constituído por duas doutrinas essencialmente distintas entre si: a lei e o evangelho.

3ª TESE

Para ser um teólogo ortodoxo não basta que se exponha todos os artigos de fé em concordância com as Escrituras; é necessário também saber diferenciar corretamente lei e evangelho.

3ª TESE

Distinguir corretamente lei e evangelho é a mais difícil e a suprema arte que se apresenta aos cristãos em geral e em especial aos teólogos. Esta arte é ensinada exclusivamente pelo Espírito Santo, na escola da experiência.

4ª TESE

Conhecer bem a diferença entre lei e evangelho não é apenas maravilhosa luz para a correta compreensão de toda a Escritura Sagrada; mais do que isto: sem esse conhecimento a Escritura é e continua sendo um livro selado.

5ª TESE

A primeira — bem como a mais grosseira e mais facilmente reconhecível — confusão entre lei e evangelho é aquela em que, a exemplo de papistas, socinianos e racionalistas, se encara Cristo como um novo Moisés, um legislador, e se transforma o evangelho em doutrina de obras meritórias ao mesmo tempo em que, como o fazem os papistas, condenam-se e amaldiçoam-se os que ensinam que o evangelho é a mensagem da graça ilimitada de Deus em Cristo.

6ª TESE

Em segundo lugar, a palavra de Deus não é aplicada corretamente quando a lei deixa de ser pregada em todo seu rigor e o evangelho em toda sua doçura; quando, ao contrário, componentes do evangelho são adicionados à pregação da lei, e componentes da lei são adicionados ao evangelho.

7ª TESE

Em terceiro lugar, a palavra de Deus não é aplicada corretamente quando o evangelho é pregado antes da lei; a santificação antes da justificação; a fé antes do arrependimento; as boas obras antes da graça.

8ª TESE

Em quarto lugar, a palavra de Deus não é aplicada corretamente quando a lei é pregada aos que já estão atemorizados em relação a seus pecados, ou quando o evangelho é pregado aos que vivem tranquilamente em seus pecados.

9ª TESE

Em quinto lugar, a palavra de Deus não é aplicada corretamente quando, ao invés da palavra e dos sacramentos, se indica o caminho das orações e lutas com Deus aos pecadores que foram atingidos e atemorizados pela lei, para que desta maneira alcancem o estado da graça. Em outras palavras: quando lhes é dito que devem permanecer em oração e luta até sentirem que Deus os recebeu em sua graça.

10ª TESE

Em sexto lugar, a palavra de Deus não é aplicada corretamente quando o pregador descreve a fé de um modo que dá a entender que uma mera aceitação passiva de certas verdades justifica e salva diante de Deus, mesmo que se esteja vivendo em pecados mortais; ou, também, quando se dá a entender que a fé justifica e salva porque produz amor e transforma a vida das pessoas.

11ª TESE

Em sétimo lugar, a palavra de Deus não é aplicada corretamente quando se pretende apresentar o consolo do evangelho somente àqueles que estão contritos pela lei porque amam a Deus e não porque temem o furor e o castigo de Deus.

12ª TESE

Em oitavo lugar, a palavra de Deus não é aplicada corretamente quando o pregador descreve a contrição, ao lado da fé, como sendo a causa do perdão dos pecados.

13ª TESE

Em nono lugar, a palavra de Deus não é aplicada corretamente quando, ao invés de procurar criar a fé no coração de alguém apresentando as promessas do evangelho, se faz um apelo à fé que dá a entender que o homem a si mesmo pode dar a fé, ou, ao menos cooperar para que tal aconteça.

14ª TESE

Em décimo lugar, a palavra de Deus não é aplicada corretamente quando se requer fé como condição necessária para a justificação e salvação, como se o homem fosse justificado não somente através da fé mas também devido à fé, por causa da fé, e à vista da fé.

15ª TESE

Em décimo primeiro lugar, a palavra de Deus não é aplicada corretamente quando o evangelho é transformado em pregação de arrependimento.

16ª TESE

Em décimo segundo lugar, a palavra de Deus não é aplicada corretamente quando se prega que o abandono de certos vícios e a prática de certas obras piedosas e virtudes são prova suficiente de que se está verdadeiramente convertido.

17ª TESE

Em décimo terceiro lugar, a palavra de Deus não é aplicada corretamente quando se faz uma descrição da fé, no que diz respeito a sua firmeza, conscientização e operosidade, que não se adapta a todos os cristãos em todas as épocas.

18ª TESE

Em décimo quarto lugar, a palavra de Deus não é aplicada corretamente quando a corrupção universal da humanidade é descrita de um modo tal, que causa a impressão de que mesmo os verdadeiros crentes ainda vivem sob o domínio do pecado e pecam intencionalmente.

19ª TESE

Em décimo quinto lugar, mente quando o pregador se não condenáveis em si, mas a palavra de Deus não é aplicada correta-refere a determinados pecados como sendo sim, de natureza venial.

20ª TESE

Em décimo sexto lugar, a palavra de Deus não é aplicada corretamente quando se faz com que a salvação de uma pessoa dependa de sua filiação a uma igreja ortodoxa visível, e quando se nega a salvação a todo aquele que erra em qualquer um dos artigos de fé.

21ª TESE

Em décimo sétimo lugar, a palavra de Deus não é aplicada corretamente quando se ensina que os sacramentos agem salvificamente **ex opera operato**, isto é, pelo simples levar a efeito extremo de um ato sacramental.

22ª TESE

Em décimo oitavo lugar, a palavra de Deus não é aplicada corretamente quando se faz uma falsa distinção entre despertamento e conversão, e quando se confunde o NÃO PODER crer com o NÃO PERMITIR que se creia.

23ª TESE

Em décimo nono lugar, a palavra de Deus não é aplicada corretamente quando se procura, por meio das exigências, ameaças ou promessas da lei, induzir a pessoa não convertida a que abandone a prática do pecado e se dedique à prática de boas obras para que, desta maneira, se torne pessoa piedosa; por outro lado, situação idêntica ocorre quando se procura levar o renascido a fazer o bem, apresentando-lhe as ordenanças da lei ao invés das admoestações do evangelho.

24ª TESE

Em vigésimo lugar, a palavra de Deus não é aplicada corretamente quando o imperdoável pecado contra o Espírito Santo é descrito como sendo imperdoável devido a sua grandeza,

25ª TESE

Em vigésimo primeiro lugar, a palavra de Deus não é aplicada corretamente quando aquele que ensina a palavra de Deus não permite que o evangelho tenha predomínio geral neste seu ensino.

A CORRETA DISTINÇÃO ENTRE LEI E EVANGELHO

Vocês certamente desejam tornar-se mestres competentes no exercício de sua atividade em nossas congregações e escolas. Para tanto, é absolutamente necessário que vocês tenham um conhecimento bem detalhado de todas as doutrinas da revelação cristã. Contudo, além e acima de seu conhecimento das doutrinas, é necessário que vocês saibam como aplicá-las corretamente. Um mero conhecimento intelectual das doutrinas não basta; todas elas devem ter penetrado profundamente em seus corações e manifestado ali seu poder divino, celestial. Todas estas doutrinas devem ter-se tornado tão preciosas, tão valiosas, tão caras para vocês, a ponto de não poderem deixar de, com o coração ardente, unir suas vozes à de Paulo dizendo: «Nós cremos, por isso também falamos», e à de todos os apóstolos: «Nós não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos».

Dentre todas as doutrinas, a mais importante é a doutrina da Justificação. Contudo, em segundo lugar, na ordem de importância, está **a arte de fazer separação entre lei e evangelho.**

Lutero diz que estaria disposto a dar o maior destaque entre os demais e que daria o título de doutor das Sagradas Escrituras àquele que entende bem a arte de distinguir entre lei e evangelho. Não gostaria que pensassem que pretendo colocar-me acima de todos os demais e ser considerado doutor das Sagradas Escrituras. Quanto a mim, desejo permanecer na condição de humilde discípulo e sentar aos pés do Dr. Lutero para dele aprender esta doutrina do mesmo modo como ele a aprendeu dos apóstolos e profetas.

Comparando a Escritura Sagrada com outros escritos, observamos que não existe livro aparentemente tão cheio de contradições como a Bíblia. E isto não apenas em questões de somenos importância, mas precisamente na questão principal: na doutrina de como chegar a Deus e ser salvo. Numa ocasião, a Bíblia oferece perdão a todos os pecadores; noutra, nega-se o perdão de pecados a todos os pecadores. Em determinada passagem bíblica oferece-se vida eterna gratuita a todos os homens; numa outra, diz-se que eles mesmos devem fazer algo para serem salvos. Este enigma é decifrado quando nos damos conta de que as Escrituras contêm duas doutrinas completamente diferentes entre si: a doutrina da lei e a doutrina do evangelho.

Iª TESE

O conteúdo doutrinário de toda a Escritura Sagrada, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento, é constituído por duas doutrinas essencialmente distintas entre si: a lei e o evangelho.

A diferença entre a lei e o evangelho não consiste em que o evangelho é uma doutrina divina e a lei uma doutrina humana. De forma alguma; tudo o que a Escritura contém no que diz respeito a qualquer uma das duas doutrinas, é a palavra do próprio Deus vivo.

A diferença também não está no fato de que apenas o evangelho é necessário, e a lei não, como se a última fosse mero acréscimo que pode ser dispensado. Ambos são igualmente necessários. Sem a lei não se compreende o evangelho; sem o evangelho, de nada nos aproveita a lei.

Igualmente é inadmissível afirmar-se que a diferença está em que a lei é a doutrina do Antigo Testamento e o evangelho a doutrina do Novo Testamento. Há evangelho no Antigo, bem como há lei no Novo Testamento.

A lei e o evangelho também não diferem entre si quanto ao aspecto de seu objetivo último, como se o evangelho visasse à salvação do homem, e a lei a sua condenação. Tanto a lei quanto o evangelho têm como finalidade última a salvação do homem; apenas que a lei, desde a queda, não mais nos pode conduzir à salvação; ela pode apenas preparar-nos para a mensagem do evangelho. Outrossim, é através do evangelho que recebemos a capacidade de cumprir a lei, até certo ponto.

De modo idêntico, não podemos estabelecer uma diferença entre ambas as doutrinas afirmando que a lei e o evangelho se contradizem mutuamente. Não existem contradições na Escritura. Cada uma é distinta da outra, mas ambas estão na mais perfeita harmonia entre si.

Por fim, a diferença não é esta de que somente uma destas doutrinas atinge os cristãos. Mesmo para o cristão a lei ainda tem sua razão de ser. Na verdade, quando alguém deixa de empregar qualquer uma destas duas doutrinas, deixa de ser cristão verdadeiro.

Lei e evangelho diferem realmente nos seguintes aspectos:

1. Estas duas doutrinas diferem no que diz respeito à **maneira** em que **são reveladas** ao homem;
2. No que diz respeito ao seu **conteúdo**;
3. No que diz respeito às **promessas** que cada uma faz;
4. No que diz respeito às suas **ameaças**;
5. No que diz respeito à **função e efeito** de cada uma;
6. No que diz respeito às **pessoas** às quais, ou esta, ou aquela doutrina, deve ser pregada.

Em primeiro lugar, lei e evangelho diferem no que diz respeito à **maneira em que são revelados ao homem**. O ser humano foi criado com a lei inscrita em seu coração. Em virtude da queda em pecado, esta ins-

crição da lei no coração foi apagada em grande parte, contudo não totalmente. Pode-se pregar a lei ao maior pagão que habita a face da terra e em resposta sua consciência lhe dirá: «isto é verdade». Mas, ao se lhe pregar o evangelho, sua consciência não mais lhe responderá o mesmo. A pregação do evangelho pode, isto sim, enfurecê-lo. O viciado da pior espécie admite que ele deveria fazer o que está escrito na lei. Por que é isto assim? Porque a lei está inscrita em seu coração. A situação muda quando se prega o evangelho. O evangelho revela e anuncia atos que Deus, em sua graça, livremente faz; e estes não são evidentes por si mesmos. O que Deus fez de acordo com o evangelho ele não estava obrigado a fazê-lo.

O segundo aspecto em que lei e evangelho diferem é o **conteúdo** de cada doutrina. A lei nos diz o que devemos fazer. O evangelho revela-nos apenas o que Deus está fazendo. A lei refere-se às nossas obras; o evangelho, às grandes obras de Deus. Na lei confronta-nos a intimação que se repete dez vezes: «não ...» O evangelho, por outro lado, não faz exigências de espécie alguma. A lei nada tem a dizer a respeito de perdão, graça. Ela apenas emite ordens e exigências. O evangelho, por seu turno, constitui-se puramente de promessas. O evangelho não contém outra coisa senão graça e verdade!

Lei e evangelho diferem, em terceiro lugar, em virtude de suas **promessas**. A lei promete as mesmas coisas grandiosas que o evangelho promete: vida eterna e salvação. Mas, neste ponto, somos confrontados com uma enorme diferença: todas as promessas da lei são feitas sob a condição de cumprirmos a lei em todos os seus aspectos. Logo, as promessas da lei são as mais desalentadoras, por maiores que sejam. A lei nos oferece alimento, contudo coloca-o fora de nosso alcance. Ela de fato nos diz: «Vou matar a sede e a fome de sua alma». Mas ela é incapaz de tornar isto realidade, porque sempre adiciona a seguinte condição: «Tudo isto você vai ter se fizer o que eu ordeno».

Acima e contraposta à voz da lei, está a do evangelho. Este nos promete a graça de Deus e a salvação sem impor condição de espécie alguma. É uma promessa de graça incondicional. Ele requer de nós nada além disto: «Aceite o que eu ofereço e você o terá». Esta não é uma condição que se impõe, mas sim um convite amável.

A quarta diferença entre lei e evangelho diz respeito a **ameaças**. O evangelho não contém ameaças de espécie alguma; apenas palavras de consolo. Sempre que na Escritura você se confrontar com uma ameaça, esteja certo de que esta passagem enquadra-se na lei, pois a lei não é outra coisa senão ameaças.

O quinto aspecto diferencial entre lei e evangelho diz respeito aos **efeitos** destas duas doutrinas. O efeito da pregação da lei é tríplice. Em primeiro lugar, a lei nos diz o que devemos fazer, contudo não nos capacita a atender suas exigências; ela faz, isto sim, com que fiquemos mais contrariados ainda em relação ao que ela exige de nós.

Em segundo lugar, a lei revela os pecados do homem, mas não lhe oferece ajuda para se ver livre deles e, deste modo, leva o homem ao desespero.

Em terceiro lugar, a lei efetua contrição. Ela faz passar diante de nossos olhos todo o terror do inferno, da morte, da ira de Deus. Mas ela não tem absolutamente nada de conforto para dar ao pecador.

Os efeitos do evangelho, de natureza completamente diversa, são os seguintes: em primeiro lugar, quando o evangelho requer fé, ele nos oferece e dá esta fé no próprio ato de requerer. Quando pregamos ao povo: «Creiam no Senhor Jesus Cristo», Deus, através do nosso pregar, lhes dá a fé. Nós pregamos a fé, e todo aquele que não se opõe delibetadamente, obtém fé.

O segundo efeito do evangelho é que ele de maneira nenhuma censura o pecador, antes afasta dele todo o terror, todo o medo, toda ansiedade, enchendo-o de paz e alegria no Espírito Santo.

Em terceiro lugar, o evangelho não exige que o homem apresente algo de bom: um bom coração, um bom caráter, uma melhora em seu modo de ser, religiosidade, amor a Deus e aos homens. Nada disso. O evangelho não emite ordens, mas muda o homem. Ele implanta o amor em seu coração e capacita-o para todas as boas obras. Ele não exige nada; ele dá tudo.

Finalmente, o sexto aspecto em que lei e evangelho diferem entre si, relaciona-se às **peças** às quais deve ser pregada cada uma das doutrinas. As peças sobre as quais cada doutrina deve agir, bem como a finalidade deste agir, são completamente diferentes. A pregação da lei se dirige a pecadores imperturbados, a do evangelho a pecadores atemorizados. Em outras circunstâncias é de fato necessário que se pregue ambas as doutrinas, mas neste momento a pergunta é: A quem deve ser pregada a lei antes do evangelho? e vice-versa.

1 Tm 1. 8-10: Enquanto um indivíduo vive tranquilamente em pecado, enquanto se recusa a abandonar determinado pecado, deve-se-lhe pregar somente a lei, que o amaldiçoa e condena. Mas, no momento em que ele é atemorizado neste seu estado, imediatamente deve ouvir o evangelho; pois, a partir deste momento, ele não mais pode ser incluído no rol dos pecadores imperturbados. Portanto, enquanto o diabo mantiver você seu prisioneiro, por **um único** pecado que seja, o evangelho ainda não poderá agir sobre você; o que você precisa ouvir é a lei.

A pecadores miseráveis, abatidos — eu o repito — não se deve pregar nada da lei. Ai do pregador que insistisse em pregar a lei a um pecador desesperado! Tal pecador, ao contrário, precisa ouvir palavras como estas: «Venha! Ainda há lugar! Não importa quão pecador você seja, ainda há lugar para você. Mesmo que você seja um Judas ou um Caim, ainda há lugar. Venha, sim, venha a Jesus!» Indivíduos nesta situação são o alvo correto para a ação do evangelho.

2ª TESE

Para ser um teólogo ortodoxo não basta que se exponha todos os artigos de fé em concordância com as Escrituras; é necessário também saber diferenciar corretamente lei e evangelho.

Esta tese compõe-se de duas partes. A primeira parte constata um requisito de um teólogo ortodoxo: é necessário que ele exponha todos os artigos de fé em concordância com a Escritura.

A Escritura requer de nós que conservemos a palavra de Deus absolutamente pura e inalterada e que sejamos capazes de dizer, descendo do púlpito: «Eu poderia jurar que preguei a Palavra de Deus corretamente. Mesmo a um anjo vindo do céu eu poderia declarar: Minha pregação foi verdadeira». Isso explica a estranha observação de Lutero de que um pregador não deve orar o Pai-Nosso ao descer do púlpito, mas sim, deveria fazê-lo antes do sermão. Pois um pregador ortodoxo não tem motivos para, após a exposição de seu sermão, orar: '«Perdoa-me as minhas dívidas», uma vez que ele pode afirmar: «Eu anunciei a verdade genuína».

Apesar de alguém de fato poder afirmar: «Meu sermão não continha nenhuma heresia», é possível que todo o seu sermão tenha sido falso. A segunda parte de nossa tese afirma isto. Teólogo ortodoxo somente é aquele que, além de outros requisitos necessários, sabe diferenciar corretamente lei e evangelho. Este é o critério decisivo para avaliar-se um bom sermão. O valor do sermão não consiste apenas em que cada afirmação é tirada da Escritura e está concorde a ela, mas também no poder-se afirmar que lei e evangelho estão sendo diferenciados corretamente.

Pregar o evangelho àqueles que nada temem em relação a seus pecados, implica em aplicá-lo de modo incorreto. Por outro lado, situação muito mais terrível é aquela em que o pastor, um teólogo legalista, se recusa pregar o evangelho a sua congregação, argumentando: «Essa gente, de qualquer maneira, vai fazer mau uso dele». É isto motivo suficiente para se negar o evangelho aos infelizes pecadores? Que sucumbam os perversos; não obstante os filhos de Deus devem saber quão próximo deles existe socorro e quão facilmente pode-se alcançá-lo. Todo aquele que recusa o evangelho aos que necessitam de consolo, falha no separar lei e evangelho.

3ª TESE

Distinguir corretamente lei e evangelho é a mais difícil e a suprema arte que se apresenta aos cristãos em geral e em especial aos teólogos. Esta arte é ensinada exclusivamente pelo Espírito Santo, na escola da experiência.

Esta tese não pretende dizer que a doutrina da lei e do evangelho é tão difícil a ponto de não se poder assimilá-la sem a ajuda do Espírito Santo. Ela é fácil — tão fácil que até mesmo as crianças podem aprendê-la. Entretanto, o que estamos considerando agora é a **aplicação e o emprego** desta doutrina. A aplicação prática desta doutrina apresenta dificuldades impossíveis de serem vencidas no campo da pura reflexão racional. É necessário que o Espírito Santo, na escola da experiência, ensine esta arte aos homens. As dificuldades em dominar esta arte confrontam o pastor, em primeiro lugar, na vivência do seu cristianismo; em segundo lugar, no exercício do seu ministério.

Em primeiro lugar, a correta distinção entre lei e evangelho apresenta-se como uma arte difícil e grandiosa para o pastor no campo de seu cristianismo pessoal. De fato, a correta diferenciação entre lei e evangelho é a arte suprema a ser aprendida.

Salmo 51. 10-11: Davi pede que Deus lhe dê um espírito reto. Tendo pecado vergonhosamente, derramando sangue inocente e cometendo adultério, Davi perdeu de vista a certeza da graça de Deus. Na verdade, ele recebeu a absolvição quando, em arrependimento, reconheceu seu pecado. Contudo, não há indício de que em seguida a alegria voltou a inundar seu ser. Ao contrário, muitos dos seus salmos demonstram claramente que ele estava em grande miséria e aflição. Quando o mensageiro de Deus lhe disse: «O Senhor perdoou o seu pecado», seu coração suspirou, «Ah, não! Isto é impossível». Este nobre rei e profeta conhecia muito bem a doutrina da lei e evangelho. Seus salmos estão repletos de alusões à distinção entre ambos. Entretanto, quando ele pessoalmente caiu em pecado, faltou-lhe aptidão prática para aplicar este seu conhecimento. Ele clamou:

«Cria em mim um espírito novo e reto».

Em Lucas 5.8 o Senhor ordena ao discípulo a quem denominara de «Pètros», homem-rocha, e a seus companheiros de ofício que lancem suas redes no local onde o lago é mais fundo, apesar de terem trabalhado toda noite sem sucesso. Pedro concordou, apesar de não alimentar esperança alguma. Mas, eis que apanharam tantos peixes que as redes não resistiram. Imediatamente o temor se apodera de Pedro. Ele raciocina: «Este que falou comigo certamente é o próprio Deus todo-poderoso. Certamente é meu Criador. Um dia será meu Juiz!» Pedro cai aos pés de Jesus dizendo: «Senhor, retira-te de mim, porque sou pecador». Ele espera que o Senhor lhe diga: «Considere seus inúmeros pecados. Você merece morte e condenação eterna». Onde provinha este terror de Pedro? Por que não agradeceu ele a Jesus quando caiu a seus pés? Pela simples razão de que seus muitos pecados lhe vieram à mente, e nesta condição não lhe foi possível expressar seu agradecimento de louvor. Em consequência disto, trémulo, ele caiu de joelhos e dirigiu a seu Senhor e Salvador aquelas terríveis palavras: «Retira-te de mim». O diabo privou-o de todo o consolo e cochichou em seu ouvido que se dirigisse a Jesus nestes termos. Do Senhor ele não esperava outra coisa senão a morte. Foi incapaz de distinguir lei e evangelho. Se tivesse sido capaz de fazer isto, ter-se-ia aproximado de Jesus com alegria, lembrando que todos os seus pecados tinham sido perdoados.

1 João 3.19-20: Quando nosso coração não nos acusa, é fácil separar lei e evangelho. Esta é a condição de um cristão. Mas, pode surgir o momento em que seu coração passa a acusá-lo. Por mais que faça, não há meios de silenciar aquela acusadora voz interior. Ora, se neste momento o indivíduo sabe distinguir corretamente entre lei e evangelho, cairá aos pés de Jesus, confortando-se nos méritos deste. Isto, no entanto, não é fácil.

No momento em que os cristãos aprenderam a fazer o correto uso prático da distinção entre lei e evangelho, eles unem sua voz à de S. João dizendo: «Deus é maior do que o meu coração; Ele deu um veredito

diferente a respeito da pecaminosidade dos homens, e isto se aplica igualmente a mim». Vocês são felizes se aprenderam esta difícil arte. Se vocês a aprenderam, não se julguem perfeitos. Vocês nunca deixarão de ser principiantes nesta arte. Lembrem-se disto: quando a lei os condenar, então apeguem-se imediatamente ao evangelho.

Quais duas forças hostis, lei e evangelho muitas vezes entram em conflito na consciência de um indivíduo. O evangelho lhe diz: «Deus o recebeu em sua graça». A lei lhe diz: «Não confie nisso; examine o seu passado. Quantos e quão horríveis são seus pecados! Considere os pensamentos e desejos que você teve.» Num momento destes é difícil separar lei e evangelho. Quando alguém enfrenta uma situação destas, torna-se necessário que ele diga à lei: «Foral Tuas exigências foram todas cumpridas. Eu não te devo nada. Alguém pagou a minha dívida». Um indivíduo morto em pecados e transgressões não sente esta dificuldade; ele não se importa com a lei. Mas a dificuldade é bastante real na vida de um convertido.

A correta diferenciação entre lei e evangelho é também a arte suprema e mais difícil para os **teólogos como tal**. Tudo o mais que um teólogo deve saber não se compara com o domínio desta arte.

2 Timóteo 2.15: O apóstolo admoesta Timóteo a que maneje **bem a** palavra da verdade. Isto indica que separar adequadamente lei e evangelho é uma arte notável e difícil.

Lucas 12.42-44: O que o Senhor considera um grande feito não é o simples anunciar da palavra de Deus, ou, para ficar dentro dos termos da parábola, a distribuição de certa quantidade de alimento a cada membro da casa; o que ele tem em alta conta é o fato de que a cada um é dada a medida exata no momento certo, que se leve em consideração sua situação espiritual. Isto deve ocorrer no momento exato. Aquele que distribui um pouco aos servos hoje, e só torna a fazê-lo após um longo período de tempo, que não se preocupa em reunir o alimento necessário nem com sua distribuição na hora certa, este é um mau mordomo. Eis a lição desta parábola: Um pregador deve dominar bem a arte de ministrar a cada um, no momento propício, ou a lei ou o evangelho, segundo suas necessidades específicas.

2 Coríntios 2.16; 3.4-6: O apóstolo reconhece que somente Deus pode capacitá-lo para esta nobre e difícil arte.

Pregue de tal maneira que cada ouvinte sinta: «Ele refere-se a mim. Ele descreveu um hipócrita idêntico a mim». Por outro lado, é possível que o pastor descreva alguém que está sendo tentado de uma maneira tão real, que o ouvinte que vive situação idêntica só pode admitir: «Esta é a minha situação». O ouvinte arrependido deve logo perceber: «Este consolo dirige-se a mim; devo apropriar-me dele». A alma inquieta deve concluir: «Oh, que doce mensagem; isto é para mim!» Sim, também o impenitente deve ser levado a reconhecer: «O pregador fez uma descrição exata da minha pessoa».

Portanto, o pregador deve saber retratar com exatidão o que se passa no íntimo de cada um dos seus ouvintes. Uma mera apresentação obje-

tiva das várias doutrinas não basta para que se alcance este objetivo. Uma pessoa pode ser ortodoxa, pode ter compreendido a doutrina pura e mesmo assim não ter comunhão pessoal com Deus, estar em situação irregular ante Deus, e não ter ainda a certeza de que sua conta de pecados foi paga.

A dificuldade em distinguir corretamente lei e evangelho assume proporções gigantescas quando o pastor ministra a indivíduos em particular. No púlpito o pastor pode dizer uma série de coisas esperando encontrar receptividade. Mas quando as pessoas buscam seu conselho pastoral, ele tem diante de si uma dificuldade muito maior. Logo perceberá qual dos seus consultantes 'é, e qual não é, cristão. Isto evidentemente não elimina a possibilidade de o pastor ser iludido pela aparência e modo de ser piedoso de um hipócrita. Entretanto, se ele é capaz de separar corretamente lei e evangelho, seus consultantes podem tê-lo enganado, todavia é falha deles próprios se aplicaram a si o ensino indevido. O pastor assume uma terrível responsabilidade apenas quando ele mesmo é culpado pelo fato de o povo interpretá-lo mal. Se as pessoas agem como cristãos apenas para enganar-me, elas estão antes enganando a si mesmas do que a mim. A qualquer pessoa que dá a entender que é cristão, o pastor deve considerar como tal, e **vice-versa**.

Entretanto nem todos os não-cristãos são idênticos. Um é um irreligioso crasso e grosseiro, zombador da Bíblia; outro é ortodoxo e tem apenas a fé morta do intelecto. O pastor — a menos que ele próprio seja um escravo do pecado e incapaz de fazer um juízo da pessoa que está a sua frente — sabe que o último não passa de uma pessoa espiritualmente cega, que ainda se encontra sob o domínio da morte espiritual. Agora, se um não-cristão está verdadeiramente amedrontado e possuído de um terror inconsciente, apesar de seu coração ainda não ter sido quebrado, o pastor precisa concluir: «Este indivíduo em primeiro lugar precisa ser quebrantado». Alguns são apegados a um determinado vício, outros confiam na justiça própria. Descobrir a que classe pertencem estas várias pessoas incrédulas e aplicar-lhes o remédio correto, eis a grande dificuldade da qual estou falando. Meu objetivo é convencê-los de que somente o Espírito Santo é capaz de realmente aparelhar um pregador para o exercício de sua vocação.

Finalmente, o mais difícil é tratar com os verdadeiros cristãos, levando em conta sua situação espiritual peculiar. Este tem uma fé fraca, aquele tem uma fé forte; este está alegre, aquele aflito; este é moroso, aquele bastante zeloso; um tem pouco conhecimento espiritual, outro está mais profundamente alicerçado na verdade.

4ª TESE

Conhecer bem a diferença entre lei e evangelho não é apenas maravilhosa luz para a correta compreensão de toda a Escritura Sagrada; mais do que isto: sem esse conhecimento a Escritura é e continua sendo um livro selado.

Enquanto se ignora a diferença entre lei e evangelho, tem-se a impressão de que as Escrituras contêm um cem número de contradições. De

fato, toda a Escritura parece estar constituída de contradições. Ora as Escrituras declaram alguém salvo, ora elas o condenam. Quando o jovem rico perguntou ao Senhor: «Çue farei eu de bom, para alcançar a vida eterna?», ele recebeu a seguinte resposta: «Se queres entrar na vida, guarda os mandamentos». Quando o carcereiro de Filipos dirigiu esta mesma pergunta a Paulo e Silas, ele recebeu esta outra resposta: «Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo tu e a tua casa». Por um lado, lemos em Habacuque 2.4: «O justo viverá pela sua fé»; por outro lado, notamos que João, na sua primeira carta (3.7), diz: «Aquele que pratica a justiça é justo». Contra isto o apóstolo Paulo declara: «Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus». Por um lado, vemos que *já*, Escritura declara que Deus não se agrada de pecadores; por outro lado, ela constata: «Todo aquele que invocar o nome do Senhor, será salvo». A certa altura Paulo exclama: «A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversidade dos homens», e no Salmo 5.4 lemos: «Pois tu não és Deus que se agrada com a iniquidade, e contigo não subsiste o mal»; em outra passagem Pedro diz: «Esperai inteiramente na graça que vos está sendo trazida». Por um lado nos é dito que todo o mundo está debaixo da ira de Deus; por outro lado lemos: «Deus amou ao mundo de tal maneira, que deu o seu Filho unigénito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna». Outra notável passagem é 1 Co-ríntios 6.9-11, na qual o apóstolo afirma inicialmente: «Nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas, nem ladrões, nem avaros, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores herdarão o reino de Deus» e então acrescenta: «Tais fostes alguns de vós; mas vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados, em o nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus». Não é perfeitamente compreensível que uma pessoa que nada conhece a respeito da diferença entre lei e evangelho fique totalmente desorientada ao ler tudo isto? Não é natural que ela exclame indignada «O quê? Esta é para ser a palavra de Deus? Um livro repleto de tais contradições?»

O que acontece não é que o Antigo Testamento revela um Deus irado e o Novo Testamento um Deus gracioso, ou que o Antigo ensina a salvação por obras próprias e o Novo Testamento a salvação pela fé. Não; tanto o Antigo quanto o Novo Testamento contêm ambas as doutrinas: lei e evangelho. Mas no momento em que aprendemos a diferenciar lei e evangelho, é como se o sol nascesse sobre as Escrituras, e notamos que todo o seu conteúdo está na mais perfeita harmonia. Verificamos que a lei não nos foi revelada para inculcar em nós a ideia de que através dela podemos nos tornar justos, mas sim para mostrar-nos que somos totalmente incapazes de satisfazer suas exigências. Uma vez aprendido isto, devemos tomar conhecimento da doce mensagem, da maravilhosa doutrina que é o evangelho, e recebê-lo com intenso júbilo.

Entretanto, o pregador deve tomar cuidado para não afirmar que a lei foi abolida; pois isto não é verdade. A lei continua vigorando; ela não foi anulada. Mas, ao lado da mensagem da lei, temos uma outra. Deus não diz: «Pela lei vem a justiça», mas: «Pela lei vem o conhecimento do pecado». Romanos diz: «Ao que . . . crê naquele que justifica **o ímpio,**

a sua fé lhe é atribuída como justiça». Por isso, no momento em que somos convencidos de nossa impiedade, tem início nossa marcha rumo à salvação.

Romanos 10.2-4: A ignorância dos judeus consiste em que «não reconhecem a justiça que é válida perante Deus». Esta é a sua falta de entendimento. Imaginavam que deviam ser zelosos em relação à lei; pois, raciocinavam eles, se esta é a lei de Deus, como pode alguém ter a ousadia de afastar-se dela? Se eles tivessem dado ouvidos à pregação de Paulo, logo teriam percebido que este reconhecia que a lei ainda estava em vigor. Percebendo isto, não se teriam tornado inimigos do evangelho, e se teriam dissipado as terríveis trevas que os envolviam.

5ª TESE

A primeira — bem como a mais grosseira e mais facilmente reconhecível — confusão entre lei e evangelho é aquela em que, a exemplo de papistas, socinianos e racionalistas, se encara Cristo como um novo Moisés, um legislador, e se transforma o evangelho em doutrina de obras meritórias ao mesmo tempo que, como o fazem os papistas, condenam-se a amaldiçoam-se os que ensinam que o evangelho é a mensagem da graça ilimitada de Deus em Cristo.

Os decretos do Concílio de Trento afirmam que o evangelho contém as doutrinas da salvação. Entretanto, imediatamente acrescentam que o evangelho também prescreve preceitos éticos. É desta maneira que interpretam o propósito de Cristo ao dizer: «Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura» (Mc 16.15). Fica evidenciado que eles não pretendem aceitar o evangelho no sentido real que esta palavra tem. Do modo como eles o concebem, o evangelho, na melhor das hipóteses, não passa de uma lei tal qual a que Moisés promulgou.

Se Cristo veio ao mundo com a missão de promulgar novas leis para nós, ele perfeitamente poderia ter permanecido nos céus. Moisés já nos havia dado uma lei tão perfeita a ponto de não sermos capazes de cumpri-la. Assim sendo, se Cristo nos tivesse dado leis adicionais, isto só poderia levar-nos ao desespero.

Já o próprio sentido da palavra **evangelho** derruba este ponto de vista. Sabemos que o próprio Cristo denominou sua palavra de **evangelho**, pois ele diz em Mc 16.15: «Ide por todo o mundo e pregai o **evangelho** a toda criatura». Para que se pudesse compreender o sentido em que ele estava empregando a palavra **evangelho**, ele apresenta o conteúdo deste nos seguintes termos concretos: «Quem crer e for balizado», etc. Se a doutrina de Cristo fosse uma lei, ela não seria uma boa notícia, mas, sim, uma péssima notícia.

Examinando o Antigo Testamento, vemos que mesmo ali já está expresso o caráter da doutrina de Cristo. Lemos em Gênesis 3.15: «Este (o Descendente da mulher) te ferirá a cabeça». O Messias, o Redentor, o Salvador não viria com o propósito de nos revelar o que deveríamos fazer,

que obras deveríamos fazer para escapar do terrível domínio das trevas, do pecado e da morte. Estes feitos o Messias não deixaria para que nós os executássemos, mas ele próprio faria tudo. «**Ele ferirá a cabeça da serpente**» significa que ele destruirá o reino do diabo. Tudo que o homem tem a fazer é tomar conhecimento de que ele foi resgatado, que ele foi libertado da prisão, que ele não tem outra coisa a fazer senão crer e aceitar essa mensagem e alegrar-se em função dela. Se o texto dissesse: «Você precisa salvar-se a si mesmo», isto não seria tão confortador; ou, se dissesse: «Você deve crer nele», ficaríamos perplexos em saber o que se entende por esta fé. Este primeiro evangelho era a fonte donde emanava o conforto dos crentes do Antigo Testamento. Era-lhes importante saber:

«Está por vir Alguém que não somente nos dirá o que devemos fazer para alcançar o céu, mas ele próprio, o Messias, fará tudo para nos levar até lá». Já que o poder do diabo foi destruído, nada do que eu deva fazer pode entrar em consideração. Se o domínio do diabo foi destruído, eu sou livre. Nada me resta a fazer senão **apropriar-me** disto. É isto que a Escritura tem em mente quando diz: «Creia». Significa: «Declare que é seu aquilo que Cristo obteve».

Em Jeremias 31.31-34, Deus diz que vai fazer uma **nova** aliança. Esta não será uma aliança baseada na lei, idêntica àquela que ele estabeleceu com Israel no Monte Sinai. O Messias não dirá: «É necessário que vocês sejam pessoas desta ou daquela natureza; seu modo de viver deve ser conforme este ou aquele padrão; vocês devem fazer estas e aquelas obras». Nenhuma doutrina desta espécie será trazida pelo Messias. Ele inscreve sua lei diretamente no coração, o que faz com que a pessoa que vive nele sirva de lei para si mesma. Tal pessoa não é coagida por uma força externa, mas é impulsionada por uma força interior. «Pois, perdorei as suas iniquidades, e dos seus pecados jamais me lembrarei» — este é o fundamento, a causa para a afirmação anterior. Estas palavras resumem o evangelho de Cristo: perdão de pecados pela graça ilimitada de Deus, por causa de Jesus Cristo. Portanto, todo aquele que imagina que Cristo é um novo legislador e que ele nos trouxe novas leis anula toda a religião cristã.

A religião cristã diz: «Você é um pecador perdido e condenado; você não pode ser seu próprio Salvador. Mas não desespere por causa disto. Há alguém que obteve salvação para você. Cristo abriu as portas do céu para você e o convida: Vem, porque tudo já está preparado. Vem para as bodas do Cordeiro». Esta é também a razão por que Cristo diz: «Eu curo os doentes, não os são. Eu vim para buscar e salvar o perdido. Eu não vim para chamar justos mas pecadores ao arrependimento».

Por toda parte vemos o Senhor Jesus rodeado de pecadores, sob a espreita dos fariseus. Pecadores famintos e sedentos estão a sua volta. Apesar da divina majestade que dele emana, eles não receiam em aproximar-se dele; eles confiam nele. Os fariseus repreendem-no severamente:

«Este homem recebe pecadores e come com eles». E o Senhor ouve esta reprimenda. Ele confirma a veracidade da censura deles dando continuidade à ação censurada, como que querendo dizer: «Sim, eu quero pecadores ao meu redor»; e então ele passa a demonstrar isto, contando a parábola da ovelha perdida. O pastor ajunta a ovelha perdida, não importando

quão ferida e machucada ela esteja. Ele coloca-a sobre os ombros e, cheio de júbilo, leva-a de volta ao curral, O Senhor igualmente explica seu modo de agir através da parábola da moeda perdida. A mulher procura a moeda perdida por toda a casa, até mesmo na imundície. Quando ela a encontra, chama as amigas, dizendo: «Alegrem-se comigo, porque achei a minha moeda perdida». Finalmente o Senhor acrescenta a parábola do filho pródigo. De maneira prática ele diz: «Aqui vocês têm minha doutrina. Eu vim para buscar e salvar o perdido».

Se você examinar toda a vida de Jesus, notará que ele não se apresenta como um filósofo orgulhoso, nem como um moralista, rodeado por heróis na prática de virtudes, aos quais ele ensina como podem alcançar o mais alto estágio da perfeição filosófica. Não, ele caminha em busca de pecadores perdidos e não receia em dizer aos arrogantes fariseus que as meretrizes e publicanos os precedem no reino de Deus. Assim ele nos mostra claramente em que consiste seu evangelho.

Por diversas vezes, em suas confissões, os papistas afirmam que Cristo revelou muitas leis que eram desconhecidas a Moisés. Por exemplo, a lei do amor aos nossos inimigos; a lei de que não se deve buscar vingança pessoal; a lei do não exigir de volta o que nos foi tirado, etc. A tudo isto os papistas denominam de «novas leis». Isto está errado; pois mesmo Moisés já disse: «Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de toda a tua força» (Dt 6.5) e «Amarás o teu próximo como a ti mesmo» (Lv 19.18). Assim sendo, Cristo não ab-rogou esta lei de Moisés nem promulgou quaisquer novas leis. Ele apenas esclareceu o sentido espiritual da lei. Pois afirma em Mateus 5.17: «Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas; não vim para revogar, vim para cumprir». Isto significa que ele não veio para promulgar novas leis, mas para (cumprir a lei em nosso lugar, de modo a podermos usufruir deste seu cumprimento).

6ª TESE

Em segundo lugar, a palavra de Deus não é aplicada corretamente quando a lei deixa de ser pregada em todo seu rigor e o evangelho em toda sua doçura; quando, ao contrário, componentes do evangelho são adicionados à pregação da lei, e componentes da lei são adicionados ao evangelho.

Confunde-se lei e evangelho quando elementos que são próprios do evangelho são adicionados à pregação da lei, e **vice-versa**. Examinemos o testemunho da Escritura a respeito desta questão. Inicialmente, o que diz ela a respeito da lei? De que maneira demonstra ela que não devemos adicionar nenhum ingrediente evangélico à pregação da lei?

Gaiatas 3.11-12': O homem é justificado diante de Deus pela fé somente. A lei a ninguém pode justificar pelo simples fato de não conhecer nada a respeito de fé justificadora e salvadora. Esta informação está contida apenas no evangelho. A lei nada sabe a respeito da graça salvadora.

Romanos 4.16: A fé é exigida de nós não em virtude do fato de haver ao menos uma pequena obra que compete a nós realizar. Se este fosse o caso, não haveria diferença entre os que vão para o inferno e os que vão para o céu. Não; a justificação provém da fé para que ela seja segundo a graça. Ambas as afirmações se equivalem. Se eu digo:

«O homem é justificado diante de Deus pela fé», isto equivale a dizer:

«Ele é justificado gratuitamente, segundo a graça, através do presente da justificação que Deus lhe dá». Do homem nada se exige; apenas é-lhe dito: «Apegue-se ao que lhe é oferecido e você o terá». E a fé não é outra coisa senão este apegar-se. Vamos supor que uma pessoa nunca tenha ouvido nada a respeito da fé. Entretanto, ao ouvir o evangelho, ela se alegra, aceita-o, deposita sua confiança nele, consola-se em suas palavras. Esta pessoa tem a fé verdadeira, genuína, apesar de nunca ter ouvido uma palavra sequer a respeito da fé.

Nenhum elemento do evangelho deve, por conseguinte, ser misturado com a lei. Todo aquele que explica a lei introduzindo nela a graça, o Deus gracioso, amável e paciente, deturpa-a vergonhosamente. É necessário que o pregador anuncie a lei de tal maneira, que ela não contenha nada de agradável aos ouvidos dos pecadores perdidos e condenados. Qualquer ingrediente adocicado que se adicione à lei é veneno; neutralizará o efeito deste remédio celestial.

Mateus 5.17-19: Ao pregar a lei, você deve ter em mente que ela não faz concessão de espécie alguma. É completamente alheio à natureza da lei fazer concessões, ser condescendente; ela apenas faz exigências. A lei diz: «Você deve fazer isto; se deixar de fazê-lo, de nada lhe adiantará a paciência, bondade e longanimidade de Deus; você invariavelmente irá para a perdição». Visando deixar isto bem claro ante os nossos olhos, o Senhor diz: «Aquele, pois, que violar um destes mandamentos, posto que dos menores, e assim ensinar aos homens, será considerado mínimo no Reino dos céus». Isto não significa que lhe será destinado o lugar mais baixo no céu, mas, sim, que ele de maneira nenhuma pertence ao Reino dos céus.

Gaiatas 3.10: Se, ao estimular as pessoas à prática de boas obras, você, para consolá-las, fizer a seguinte observação: «Na realidade, você deveria ser perfeito; entretanto, Deus não exige o impossível de nós. Dada a sua fraqueza, faça o quanto puder; o que vale é a sinceridade de sua intenção!» — se você fizer isto, estará pregando uma doutrina condenável; você estará deturpando a lei de modo vergonhoso. No Sinai Deus nunca se expressou em termos semelhantes.

Romanos 7.14: Ao pregar a lei, é absolutamente necessário que um pregador esteja consciente do fato de que a lei é espiritual; ela age sobre o espírito, não sobre algum membro do corpo; tem em mira o espírito do homem, sua vontade, seu coração, seus sentimentos. É deste modo que ela age e não diferentemente.

Uma correta pregação da lei deve enquadrar-se dentro das seguintes exigências: Não se deve atacar os vícios abomináveis que desenfreadamente se manifestam na congregação, empregando uma linguagem bombástica. O incessante «trovejar» de nada adiantará. É possível que as

pessoas abandonem as práticas recriminadas, mas, após duas semanas, terão retornado ao mesmo caminho. Vocês devem, de fato, denunciar as transgressões contra os mandamentos de Deus com seriedade, mas igualmente devem dizer ao povo: «Mesmo que vocês abandonem seu constante amaldiçoar, jurar, etc., isto não os tornará cristãos. Vocês podem ir à perdição assim mesmo. Deus se preocupa é com a atitude de seus corações».

Romanos 3.20: Deus não deu a lei para que vocês tornem as pessoas justas através dela. A lei não justifica a ninguém; mas, quando ela começa a agir efetivamente, o indivíduo que é objeto desta ação passa a revoltar-se e enfurecer-se contra Deus.

Através do espetáculo no monte Sinai, Deus nos ensinou como devemos pregar a lei. É claro que não podemos reproduzir os trovões e relâmpagos daquele dia, a não ser espiritualmente. Se procedermos assim, nosso sermão será benéfico. Poderá haver muitos dentre os ouvintes que chegarão à seguinte conclusão: «Se este homem está falando a verdade, então eu estou perdido».

Alguns, na verdade, poderão argumentar dizendo que não convém que um pregador do evangelho pregue nestes termos. Mas é este o caminho que ele deve seguir; ele não seria pregador evangélico caso não pregasse a lei. A pregação da lei deve preceder a do evangelho para que este último surta efeito. Em primeiro lugar vem Moisés, depois Cristo; ou:

Em primeiro lugar João Batista, o precursor, então Cristo. A princípio as pessoas dirão: «Isto é simplesmente terrível!» Mas, segue-se logo a pregação do evangelho e então as pessoas se animam. Elas compreendem então o porquê do pregador ao se expressar daquela maneira: pretendia mostrar-lhes o quão manchados de pecados eles estavam e o quanto necessitavam do evangelho.

7ª TESE

Em terceiro lugar, a palavra de Deus não é aplicada corretamente quando o evangelho é pregado antes da lei; a santificação antes da justificação; a fé antes do arrependimento; as boas obras antes da graça.

A palavra de Deus é empregada erroneamente quando as diversas doutrinas são apresentadas fora da sequência correta; quando algo que deveria vir por fim é colocado no princípio. São quatro as sequências in-corretas que podem surgir.

Em primeiro lugar, inverte-se a ordem quando se prega o evangelho antes da lei.

Marcos 1.15: O «arrependei-vos» é sem dúvida alguma uma palavra da lei. Na pregação de nosso Senhor esta palavra vem em primeiro lugar, seguida pelo resumo do Evangelho: «Crede no evangelho».

Atos 20.21: O apóstolo pregou em primeiro lugar o arrependimento e depois a fé; primeiramente a lei, então o evangelho.

Nosso Senhor disse que **em seu nome se deveria pregar arrependimento para remissão de pecados a todas as nações, começando em Jerusalém**. O Senhor não mudou a ordem divina para : «Perdão de pecados e arrependimento». A sequência que ele indica é «arrependimento e perdão de pecados».

O segundo caso em que se perverte a ordem correta acontece quando a santificação da vida é pregada antes da justificação, a mensagem do perdão de pecados. Sim, justificação pela graça não é outra coisa senão perdão de pecados. Sou justificado no momento em que me aproprio da justiça de Cristo.

Salmo 130.4: Na verdade o salmista está querendo dizer para Deus: «Primeiro precisas dar-nos teu perdão; depois disto passaremos a reverenciar-te através de uma vida nova, uma vida santificada».

Salmo 119.32: Em primeiro plano está o consolo de Deus, a justificação, o presentear do perdão ao pecador, a remissão dos pecados. Depois de tudo isto o salmista espera «percorrer o caminho dos mandamentos de Deus».

1 Coríntios 1.30: A primeira coisa necessária é que alcancemos sabedoria, conhecimento do caminho da salvação. Este é o primeiro passo. A isto segue-se a justiça, a qual obtemos pela fé. Apenas depois da justificação é que vem a santificação. Preciso antes de mais nada saber que Deus perdoou os meus pecados para que este fato então me dê a verdadeira alegria de viver uma vida santificada. Antes disto uma grande carga pesava sobre mim. A princípio eu estava furioso com Deus; eu o odiava por exigir tanto de mim. Meu desejo era ter podido destroná-lo. Meu pensamento era de que seria melhor mesmo se Deus não existisse. Mas quando ele me perdoou e declarou justo, eu me alegrei, não somente por causa do evangelho mas igualmente por causa da lei.

João 15.5: A vontade do Senhor é que estejamos enxertados nele como os ramos o estão na videira. Isto significa que cremos nele de todo coração, depositamos nele nossa certeza e confiança, nos apegamos totalmente a ele com os braços da fé, de maneira que vivemos apenas nele, nosso Jesus que nos resgatou e salva. Quando isto sucede, produziremos frutos. Deste modo o Salvador mostra que antes de podermos viver uma vida santificada é necessário que tenhamos sido justificados. Se nos tornarmos ramos cortados, separados da videira, murçamos e deixaremos de produzir fruto.

Fazer confusão entre justificação e santificação é um dos erros mais ; terríveis. O pecador somente poderá compreender e ter certeza de que ele está sob a graça de Deus quando se faz uma rigorosa separação entre justificação e santificação; e esta compreensão lhe dará forças para andar numa nova vida.

Em terceiro lugar, altera-se a sequência correta — a saber, em primeiro lugar a lei, depois o evangelho — quando a pregação da fé precede a do arrependimento. Se você quer crer em Cristo, você precisa primeiro adoecer; porque Cristo é um médico apenas para aqueles que estão doentes. Ele veio buscar e salvar o perdido; por isso, você pre-

cisa primeiramente tornar-se um pecador perdido e condenado. Ele é o Bom Pastor que sai em busca da ovelha perdida; portanto, você precisa antes de mais nada reconhecer que é uma ovelha perdida.

Finalmente, a quarta inversão da ordem correta se dá quando se requer boas obras antes de se ter anunciado a graça de Deus.

Efésios 2.8-10: O apóstolo não diz: «Precisamos praticar boas obras para que Deus nos seja gracioso». Ele afirma exatamente o contrário. Quando você recebeu a graça, Deus fez de você uma nova criatura. Neste novo estado você deve praticar boas obras; você não pode continuar debaixo do domínio do pecado.

Tito 2.11-12: Como primeiro passo nos é revelada a graça, e esta então passa a educar-nos. Somos colocados debaixo da divina pedagogia da graça. No momento em que o indivíduo aceita a graça que fez com que Deus abandonasse os céus e viesse ao mundo, esta graça principia nele um processo de educação. O objetivo desta educação é ensinar-lhe a praticar boas obras e viver uma vida correta.

A Carta aos Romanos contém a doutrina cristã em sua totalidade. Nos três primeiros capítulos deparamo-nos com a mais severa pregação da lei. A isto segue-se, na parte final do terceiro capítulo e nos capítulos 4 e 5, a doutrina da justificação — e nada além dela. A começar no capítulo 6, o apóstolo não fala de outra coisa que não seja santificação. Temos aqui um modelo exato da sequência que se deve observar: em primeiro lugar a lei, que ameaça os homens com a ira de Deus; segue-se o evangelho, a mensagem das consoladoras promessas de Deus. Como complemento segue a instrução quanto ao que devemos fazer agora que somos novo homem. Igualmente os profetas, quando tencionavam converter o povo, principiavam pela pregação da lei. Quando os açoitados da lei tinham surtido efeito, eles confortavam os miseráveis pecadores. Igualmente os apóstolos, no momento em que seus ouvintes se mostravam amendrontados, não faziam outra coisa senão consolá-los e anunciar-lhes o perdão. Somente depois disto eles diziam a seus ouvintes: «Agora vocês devem demonstrar sua gratidão a Deus». Eles não emitiam ordens; eles não ameaçavam quando seus mandados eram desconsiderados, mas apenas apelavam e rogavam a seus ouvintes que, pelas misericórdias de Deus, se conduzissem como convém a cristãos.

Santificação genuína é aquela que segue a justificação; justificação genuína é aquela que vem depois do arrependimento.

8ª TESE

Em quarto lugar, a palavra de Deus não é aplicada corretamente quando a lei é pregada aos que já estão atemorizados em relação a seus pecados, ou quando o evangelho é pregado aos que vivem tranquilamente em seus pecados.

1 Timóteo 1.8-10 e Isaías 61.1-3 deixam claro que, de acordo com a palavra de Deus, nem um pingote de consolo evangélico deve ser dado àqueles que vivem tranquilamente em seus pecados. Por outro lado, os

de coração abatido não devem ouvir uma ameaça ou censura sequer, senão apenas as promessas, o consolo e a graça, o perdão de pecados e a justiça, vida e salvação.

Este também era o modo de proceder de nosso Senhor. Certa ocasião aproximou-se dele uma mulher «pecadora» (Lc 7.37) que, sob o olhar dos orgulhosos fariseus, se ajoelhou, e com suas lágrimas lavou os pés do Senhor, enxugando-os com seus próprios cabelos. Ela estava arrasada. Não havia ninguém que a consolasse. Mas, ela veio a Jesus pois reconheceu nele a fonte de toda a graça. O Senhor de maneira alguma repreendeu-a por omissão de seus pecados — não, não lhe disse uma só palavra de censura. Simplesmente disse-lhe: «Teus pecados estão perdoados». Em outra ocasião, semelhante a esta, ele despediu a mulher culpada, assegurando-lhe: «Nem eu tão pouco te condeno», e acrescentou a breve admoestação: «Vai, e não peques mais».

Com Zaqueu o procedimento do Senhor foi idêntico. Zaqueu chegara à conclusão de que precisava mudar, que ele não poderia continuar levando esta vida pecaminosa. Ao saber que o Senhor passaria pela circunvizinhança, ele subiu a um sicômoro pois desejava ver de perto este santo homem. Olhando para cima, o Senhor disse-lhe: «Zaqueu, desce depressa, pois me convém ficar hoje em tua casa». Zaqueu certamente esperava que o Senhor faria um relatório completo de seus pecados e lhe mostraria todo o mal que havia praticado. Mas Jesus não fez nada disto. Ao contrário, na casa de Zaqueu ele afirmou: «Hoje houve salvação nesta casa, pois que também este é filho de Abraão». Zaqueu por sua vez diz: «Senhor, resolvo dar aos pobres a metade dos meus bens;

e, se nalguma coisa tenho defraudado alguém, restituo quatro vezes mais». O Senhor não exigiu que ele fizesse isto. Sua própria consciência, anteriormente assustada mas agora já tranquilizada, exigia que ele praticasse este grande ato de generosidade para com os pobres.

Esta mesma verdade é ilustrada na parábola do filho pródigo. O Senhor nos apresenta o filho pródigo voltando à casa de seu pai, de coração contrito, após ter esbanjado tudo o que tinha. Sem censuras o pai recebe-o de volta, dizendo: «Comamos e regozijemo-nos, porque este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado». Houve um banquete, e não se disse uma só palavra de repreensão.

Atitude idêntica o Senhor conserva mesmo estando pregado à cruz. A seu lado está crucificado um homem que levava uma vida infame. O paciente padecer de Cristo faz com que reconheça: «Nós na verdade com justiça recebemos o castigo que os nossos atos merecem; mas este nenhum mal fez». Então, dirigindo-se a Jesus, ele acrescenta: «Jesus, lembra-te de mim quando vieres no teu reino». Ele reconhece que Jesus é o Messias. E convém notar que o Senhor **não** lhe respondeu: «O quê?! Lembrar-me de ti? Tu que fizeste tanta coisa errada?» Não, o Senhor em absoluto lhe apresenta seus pecados. Ele apenas diz: «Hoje estarás comigo no paraíso».

Através disto o Senhor nos ensina como devemos agir ao termos diante de nós um pecador arrasado, contrito, aterrorizado em relação a seus pecados. Mesmo que sua vida passada seja totalmente reprovável,

não se deve perder tempo com censuras e reprimendas; deve-se, isto sim, perdoar e consolar. Quem age assim, demonstra que sabe diferenciar lei e evangelho.

O procedimento dos apóstolos era idêntico ao do Senhor Jesus. Basta que se lembre a história do carcereiro de Filipos. O carcereiro estava a ponto de suicidar-se quando Paulo bradou em alta voz: «Não te faças nenhum mal, que todos estamos aqui». Durante toda a noite ele tivera oportunidade de ouvir Paulo e Silas cantando louvores a Deus e isto sem dúvida deu-lhe um bom conhecimento. Ao ouvir o grito de Paulo ele veio e, trémulo, prostou-se diante de Paulo e Silas, dizendo:

«Senhores, que devo fazer para que seja salvo?» E a resposta não é de que deve fazer primeiramente isto ou aquilo, ou então, que deve sentir-se contrito. Não; eles apenas respondem: «Crê no Senhor Jesus, e serás salvo, tu e tua casa». Pura e simplesmente convidam-no a aceitar a misericórdia de Deus; porque a fé não é outra coisa do que a aceitação da misericórdia, a aceitação da graça de Deus.

A segunda parte da tese afirma que a palavra de Deus é aplicada erroneamente quando se prega o evangelho àqueles que vivem tranquilamente em seus pecados.

Este erro é tão grave quanto o primeiro. Se eu ofereço o consolo do evangelho a pecadores imperturbados, ou então, se eu prego de uma maneira tal que os pecadores imperturbados podem concluir que o consolo do evangelho se dirige a eles, isto implica num dano incalculável. O evangelho não se dirige a pecadores tranquilos, imperturbados. É claro que não podemos impedir que estes compareçam a nossos cultos e ouçam o evangelho. Este fato não pode fazer com que o pregador deixe de apresentar o conforto do evangelho em toda a sua doçura. Ele deve fazê-lo; contudo, de uma maneira tal que os pecadores imperturbados compreendam que este conforto não é para eles. A própria maneira em que o pregador apresenta sua mensagem deve tornar isto claro.

Mateus 7.6: O que se entende por «o que é santo»? Nada mais nada menos do que a palavra de Cristo. O que se entende por «pérolas»? É o consolo do evangelho, sua mensagem que anuncia a graça, a justiça e a salvação. Os cães, isto é, os inimigos do evangelho, não devem ouvir nada a respeito disto. Nem tampouco os porcos, ou seja, aqueles que querem permanecer em seus pecados e que procuram seu céu e sua felicidade em meio à imundície de seus pecados, devem ouvir a mensagem do evangelho.

Isaías 26.10: É praticamente inútil oferecer misericórdia aos ímpios. Eles pensam, ou que não necessitam dela, ou então que já a têm em sua plenitude. Os insignificantes pecados que cometeram já lhes foram perdoados há muito, dizem eles. A uma pessoa dessa espécie não se deve pregar o evangelho. Não devo oferecer-lhe misericórdia — e o evangelho não é outra coisa senão este oferecer da misericórdia — porque de nada lhe adianta. O indivíduo sem Deus, que insiste em permanecer nos seus pecados, «não atenta para a majestade do Senhor». Ele não percebe o grande tesouro que lhe está sendo oferecido. Ele simplesmente não compreende a doutrina da salvação por graça; ou ele a despre-

za, ou então emprega-a tremendamente mal. Ele raciocina: «Se é verdade que para ser salvo basta ter fé, então os meus pecados também estão perdoados. Posso continuar levando esta minha vida e mesmo assim ir para o céu. Eu também creio em meu Senhor Jesus Cristo».

Nossa pregação deve seguir o padrão que encontramos, em primeiro lugar, na pregação de Cristo. Examinando sua conduta, observamos que toda vez que se deparava com pecadores imperturbados — e os fariseus de seu tempo certamente o eram — ele não tinha nem um pingote de conforto a dar. Sua atitude para com os fariseus foi esta: denominou-os de serpentes e raça de víboras; pronunciou uma série de dez «ais» contra eles; revelou sua abominável hipocrisia; apontou-lhes a perdição e disse que não escapariam da condenação eterna. Apesar de saber que seriam precisamente estes que o pregariam à cruz, ele, sem vacilar, disse-lhes a verdade. Convém que os pregadores se dêem conta disto. Mesmo sabendo de antemão que sua sorte não será nada diferente da do Senhor Jesus, eles devem pregar a lei em todo o seu rigor aos pecadores imperturbados, indiferentes, a hipócritas e inimigos. Toda vez que o pregador tiver diante de si esta classe de pessoas, ele não pode pregar outra coisa que não seja a lei. Além disso, quando o pregador fala para uma multidão, ele deve deixar claro de que aquilo que ele diz não se aplica indiscriminadamente a todos, mas* sim àqueles que confiam na justiça própria e ainda assim querem o evangelho para si.

É verdade que nosso Senhor afirma: «Vinde a mim **TODOS;**» contudo, ele imediatamente acrescenta: «os que estais cansados e sobrecarregados». Com isto ele deixa claro que não está convidando os pecadores imperturbados.

Certo dia um jovem rico veio a Jesus perguntando: «Bom Mestre, que farei eu de bom para alcançar a vida eterna?» Jesus, tendo rejeitado o título pelo qual o jovem o denominara, lançou-lhe o desafio: «Guarda os mandamentos». Quando o jovem perguntou, «quais», Jesus passou a enumerar: «Não matarás, não adulterarás, não furtarás, não dirás falso testemunho, honra a teu pai e a tua mãe, e amarás o teu próximo como a ti mesmo». O jovem replicou: «Tudo isso tenho observado; que me falta ainda?» E qual foi a resposta de Jesus? Respondeu ele, por acaso, «O que te falta é a fé!?» Não! Acontece que ele tinha pela frente uma pessoa infeliz, um pecador despreocupado e que confiava na justiça própria. Por isso Jesus não lhe prega nada do evangelho. Ele apenas diz, acertadamente: «Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá aos pobres, e terás um tesouro no céu; depois vem, e segue-me». E então o evangelho relata: «Tendo, porém, o jovem ouvido esta palavra, retirou-se triste, por ser dono de muitas propriedades». Ele retirou-se, e sua consciência certamente o acusava, dizendo: «Esta é de fato uma doutrina diferente da que eu conheço. O que este Jesus requer de mim eu não o posso fazer. Estou por demais preso às minhas propriedades. Se é necessário desfazer-me delas, então não posso segui-lo. Longe de mim, perambular com ele, país afora, feito um mendigo!» Sua consciência certamente também lhe assegurou que, de acordo com o ensino de Cristo, ele estava condenado, que seu destino era o inferno. E esta era exatamente a reação que o Senhor intentara provocar no jo-

vem Este episódio deve servir-nos de exemplo quanto ao modo de tratar aqueles que continuam imperturbados e confiam na justiça própria.

Os apóstolos adotaram o mesmo método de seu Senhor. Em primeiro lugar pregavam a lei energicamente, a ponto de calar fundo no coração de seus ouvintes.

Em seu primeiro sermão proferido no dia de Pentecoste, Pedro assegura a seus ouvintes que todos eles têm culpa na morte de Cristo. E estas palavras surtiram efeito. Atemorizados eles perguntaram: «Que faremos, irmãos?» Pedro responde: «Arrependei-vos, e cada um de vós seja balizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados». Pedro anuncia o evangelho e garante que para seus pecados também há perdão, mesmo para os mais repugnantes. Os apóstolos procediam assim em toda a parte, não apenas em Jerusalém mas também em Atenas, Corinto, Éfeso, etc. Aonde quer que fossem, em primeiro lugar pregavam o arrependimento e então a fé. Eles estavam certos de que em toda a parte, via de regra, tinham diante de si pecadores imperturbados, ou seja, pessoas que ainda não tinham reconhecido sua miserável situação de pecadores. Eles, entretanto, não somente pregavam a lei em todo o seu rigor aos que nada conheciam da religião cristã; pregavam-na também àqueles que se consideravam cristãos e mesmo assim viviam tranquilamente em seus pecados.

Os dois últimos capítulos da segunda Carta aos Coríntios são um notável exemplo deste modo de proceder dos apóstolos. Escreve o santo Apóstolo: «Temo, pois, que, indo ter convosco, não vos encontre na forma em que vos quero, e que também vós me acheis diferente do que esperáveis, e que haja entre vós contendas, invejas, iras, porfias, detrações, intrigas, orgulho e tumultos». O Apóstolo está dizendo: «Vocês imaginam que eu vá e lhes pregue o evangelho. Mas, vocês vão se surpreender com o que eu vou pregar quando for visitar vocês». O Apóstolo não diz que vai pregar contra pecados tais como travessuras, prostituição, roubo, blasfêmia, assassinato; ele vai atacar, isto sim, aqueles pecados que mesmo hoje ainda infestam as congregações cristãs, especialmente a hipocrisia. Ele prossegue no versículo 21: «Receio que, indo outra vez, o meu Deus me humilhe no meio de vós, e eu venha a chorar por muitos que outrora pecaram e não se arrependeram da impureza, prostituição e lascívia que cometeram». Presentemente eles não estavam vivendo em prostituição e impureza, mas esta havia sido sua vida passada. Eles se tornaram cristãos através de uma mera convicção intelectual. Faltava-lhes o verdadeiro arrependimento de seus pecados. Professavam seu cristianismo com os lábios; faltava-lhes a fé no coração. Ainda não haviam sido regenerados e renovados pelo Espírito Santo. O Apóstolo continua: «Esta é a terceira vez que vou ter convosco. Por boca de duas ou três testemunhas toda questão será decidida. Já o disse anteriormente, e torno a dizer, como fiz quando estive presente pela segunda vez; mas agora, estando ausente, o digo aos que outrora pecaram, e a todos os mais, que, se outra vez for, não os pouparei» (2 Co 13.1,2).

Este é um magnífico exemplo a ser seguido pelo pregador. Quando as pessoas se entregam à prática de toda a sorte de pecados e julgam que todos devem considerá-los bons cristãos, desde que venham aos cul-

tos e participem da santa ceia, então o pastor precisa chegar à seguinte conclusão: «Está mais do que na hora de pregar-lhes a lei para que não suceda que, enquanto eu vivo despreocupado, meus ouvintes rumem para o inferno e no Último Dia me acusem dizendo que eu sou o culpado pelo fato de eles agora terem de sofrer o tormento eterno».

O Apóstolo não eliminou a possibilidade de, reassumindo o trabalho na congregação de Corinto, ainda encontrar membros imperturbados em seu meio, o que tornaria imperioso que ele os despertasse. Pouco lhe importava se sua atitude poderia despertar oposição e inimizade da parte do povo, numa época pagã e sodomita como aquela. Ele avisa que não vai poupá-los. Procuraria fazer com que compreendessem que estavam destinados, para a condenação eterna, caso não houvesse arrependimento. Ele iria censurá-los por pretenderem ser considerados cristãos apesar de ainda continuarem a pecar contra sua -consciência.

Assim sendo, não podemos pregar o evangelho aos pecadores imperturbados; devemos, isto sim, anunciar-lhes a lei. Se quisermos levar nossos ouvintes para o céu, é necessário que, em nossa pregação, primeiramente os conduzamos numa viagem através do inferno. Nossa pregação deve levar os ouvintes à morte para que possam receber vida através do evangelho. Eles devem vir a reconhecer que estão mortalmente enfermos, para que então, através do evangelho, lhes seja restaurada a saúde. É importante que em primeiro lugar lhes seja revelada sua justiça própria para que vejam que ela não passa de trapo de imundície;

então, sim, poderão ser revestidos pela veste da justiça de Cristo, através da pregação do evangelho. Em primeiro lugar precisam ser levados a dizer de coração: «Eu sou um homem perdido e condenado», para que depois disto sejam levados a clamar com júbilo: «Çue homem feliz que sou!» Primeiramente a lei deve reduzi-los a nada para que, através do evangelho, possam ser algo, para a glória de Deus.

9ª TESE

Em quinto lugar, a palavra de Deus não é aplicada corretamente quando, ao invés da palavra e dos sacramentos, se indica o caminho das orações e lutas com Deus aos pecadores que foram atingidos e atemorizados pela lei, para que desta maneira alcancem o estado da graça. Em outras palavras: quando lhes é dito que devem permanecer em oração e luta até sentirem que Deus os recebeu em sua graça.

Convém que examinemos alguns exemplos da Escritura Sagrada para que, deste modo, sejamos certificados por Deus quanto à maneira cor-reta de aplicar (bem) a palavra, bem como para fazer frente aos erros mencionados nesta tese. Volvamos nossa atenção para os apóstolos de Cristo, que certamente souberam aplicar a palavra de Deus corretamente, bem como indicar o caminho certo aos pecadores atemorizados que •estavam em busca de sossego, paz e certeza de que se achavam no estado da graça, com Deus.

Atos 2: Tão logo as palavras do apóstolo tinham surtido efeito no coração das pessoas, elas «perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, irmãos?»

Pedro respondeu-lhes: «Arrependei-vos, e cada um de vós seja ba-tizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados». «**Metanoieite**» («arrependei-vos») significa: «Mudai de mentalidade». Refere-se obviamente à assim denominada segunda parte do arrependimento, isto é, refere-se à fé. A expressão «arrependei-vos» é uma sinédoque, isto é, uma figura de linguagem em que se menciona o todo, o arrependimento, querendo indicar apenas uma parte, a fé. Isto porque a lei já surtira efeito nestes ouvintes; faltava-lhes apenas a fé. Logo, não era intenção de Pedro levar estas pessoas à salvação através de um sentimento de angústia, agonia e terror maior ainda do que aquele que estavam experimentando. Seus corações tinham sido quebrados, e com isto ele se deu por satisfeito. Estas pessoas estavam preparadas para ouvir o evangelho e recebê-lo em seus corações. Por esse motivo o apóstolo diz: «Vocês precisam mudar de mentalidade e crer no evangelho do Crucificado; abandonem todos os seus erros passados e se deixem batizar imediatamente em nome de Jesus Cristo para o perdão de pecados».

Este foi o único pedido que o apóstolo fez a seus ouvintes: que dessem ouvidos às suas palavras e buscassem consolo nesta doce mensagem, nesta .promessa do perdão dos seus pecados, de vida e salvação. Nada nos é dito a respeito de medidas tais como as adotadas pelas seitas de nossos dias.

Atos 16: «De repente sobreveio tamanho terremoto, que sacudiu os alicerces da prisão; abriram-se todas as "portas; soltaram-se as cadeias de todos. O carcereiro despertou do sono e, vendo abertas as portas do cárcere, puxando da espada, ia suicidar-se, supondo que os presos tivessem fugido» v. 26-27). Caso os prisioneiros fugissem da prisão, o carcereiro era considerado responsável. Quando se tratava de indivíduos realmente perigosos, o carcereiro estava sujeito à pena de morte. Tendo isto em mente, o carcereiro de Filipos chegou à conclusão: Já que de qualquer maneira estou condenado à morte, de que me adianta continuar vivendo? É preferível que eu mesmo dê cabo da minha vida.

• «Mas Paulo bradou em alta voz: Não te faças nenhum mal, que todos aqui estamos!» (v. 28) Este brado deve ter causado uma tremenda impressão sobre o carcereiro!

Os salmos que os apóstolos haviam cantado, certamente fizeram-no ver que se tratava de homens que queriam anunciar ao povo como alcançar um destino feliz além do Hades. Extremamente aterrorizado, ele suplica: «Senhores, que devo fazer para que seja salvo?» (v. 30) Se os apóstolos tivessem sido entusiastas, fanáticos, certamente teriam dito:

«Meu caro amigo, isto não é tão simples assim. Para que um indivíduo ímpio, infame, como você, possa ser salvo, é necessário que lhe prescrevamos uma complexa e demorada cura». Mas eles não disseram nada disto. Viram no carcereiro uma pessoa preparada para ouvir o evangelho. Ele ainda era tão pagão quanto tinha sido anteriormente. Ele ainda não estava em condições de odiar o pecado. Ele não diz nada a respeito dis-

to tudo. Tudo o que ele deseja é escapar da punição do pecado e alcançar um feliz e abençoado destino pós-túmulo.

Naquela mesma noite o carcereiro foi convertido, recebeu a fé e a certeza. Ide que Deus o aceitara e estava reconciliado com ele. Tornou-se assim um filho amado de Deus.

Que medidas tomaram os apóstolos? Nada além de anunciar-lhe o evangelho de modo incondicional. Sem impor condição de espécie alguma, eles lhe disseram: «Crê no Senhor Jesus». Este fato demonstra o procedimento dos apóstolos. Sempre que, através da palavra, a fé tinha sido criada, imediatamente batizavam. Eles não disseram: «Primeiramente precisamos administrar-lhe um extensivo curso para que você possa entender todos os artigos da fé cristã de modo exato e em profundidade. Depois disto, você passará por um período de experiência para vermos se você tem condições de ser um cristão realmente aprovado». Nada disto. O carcereiro quer ser balizado porque sabe que, através do batismo, ele entrará no reino de Cristo; e ele foi balizado imediatamente.

Atos 22: Ananias não disse a Paulo: «Em primeiro lugar você precisa orar até sentir a graça internamente». Não; ele apenas disse: «Agora que você conheceu o Senhor Jesus, seu primeiro passo deve ser o batismo para que sejam lavados os seus pecados. E então invoque o nome do Senhor Jesus». Esta é a ordem salvífica correta: o homem somente pode orar pela graça de Deus depois que ele já a recebeu. Antes disto ele simplesmente não pode orar.

Neste incidente nos é apresentado o modo de agir do próprio Senhor. E este certamente deve saber como tratar com pobres pecadores. Tão logo Saulo estava atemorizado por causa de seus pecados, Jesus trouxe-lhe o seu consolo. Ele não exigiu que primeiramente experimentasse toda sorte de sentimentos, mas, sim, imediatamente anunciou-lhe a palavra da Graça. Isto nos mostra como o verdadeiro ministro de Cristo deve proceder quando tem por objetivo levar os pecadores arrasados pela lei à certeza da graça de Deus em Cristo Jesus.

O método das seitas é precisamente o inverso deste. É verdade que elas também pregam em primeiro lugar a lei. Pregam-na energicamente, o que está correto. O único aspecto em que erram, nesta parte de sua pregação, diz respeito à maneira em que descrevem os tormentos infernais. Fazem-no de um modo tão drástico que, ao invés de tocar o fundo do coração, ativam a fantasia na imaginação do ouvinte. Em geral, suas pregações sobre a lei e suas terríveis ameaças são excelentes; falham apenas quanto ao não apresentá-la em seu sentido espiritual. Ao invés de levarem seus ouvintes ao reconhecimento de que são pecadores miseráveis, perdidos e condenados, merecedores do castigo eterno, levam-nos a um estado mental que os faz dizer: «Não é algo terrível, ouvir Deus proferindo ameaças tão horrorosas por causa do pecado?» Se através da pregação da lei você não levar o homem a se desfazer completamente do manto da justiça própria e a declarar-se uma criatura miserável, um homem perverso, que a todo instante está pecando através de más inclinações, pensamentos, desejos, disposição de espírito e aspirações de toda sorte, esteja certo de que você não pregou a lei correta-

mente. Quem prega a lei deve fazer com que a pessoa suspeite de si mesma constantemente, até a hora de sua morte, e confesse: «Eu sou uma criatura miserável! O bem que faço, é na verdade algo que Deus realiza através de mim». Se o coração do indivíduo não estiver neste estado, ele não estará devidamente preparado para receber o evangelho.

Mas, a incorreta pregação da lei ainda não é o aspecto mais negativo nas seitas, O pior é que elas deixam de pregar o evangelho aos atemorizados e angustiados. Pensam que cometeriam o pior pecado caso imediatamente apresentassem o consolo para tais pessoas. Apresentam então uma extensa lista de pré-requisitos que, se possível, devem ser cumpridos pela pessoa para que ela seja recebida na graça: quanto tempo deve orar, com que intensidade deve lutar, contender e gritar até que finalmente possa dizer: «Agora sinto que recebi o Espírito Santo e a graça divina» e então se levante gritando: «Aleluia!»

Estes sentimentos que se requerem podem, entretanto, ter uma origem bem diversa da que eles imaginam. É possível que, ao invés do testemunho do Espírito Santo, seja um efeito físico resultante da vigorosa mensagem do pregador. Isto explica porque muitas pessoas das mais bem intencionadas, que se tornaram crentes, em determinado momento sentem que tem o Senhor Jesus, e logo depois sentem que o perderam novamente; em determinado momento imaginam que estão na graça, e em seguida afirmam que decaíram da graça.

Esta prática errônea é resultante de três terríveis equívocos:

Primeiro: As seitas não crêem nem ensinam a verdadeira e completa reconciliação entre Deus e o homem. Isto porque julgam que nosso Pai celeste é um Deus extremamente rigoroso, que precisa ser comovido através de gritos e lágrimas ardentes. Isto implica em negar o mérito de Jesus Cristo, que há muito tempo reconciliou o mundo com Deus, fazendo com que Deus agora tenha uma disposição favorável para com os homens. Deus não deixa nada pela metade, inacabado. Em Cristo, ele ama a todos os pecadores indistintamente. Os pecados de todos os pecadores foram cancelados. Toda a dívida foi paga. Não há nada que o pobre pecador tenha a temer quando se aproxima de seu Pai celeste, com o qual está reconciliado por causa de Cristo.

Entretanto, os homens imaginam que, depois que Cristo fez a sua parte, cumpre igualmente a nós realizar nossa parcela. Julgam que o esforço conjugado de Cristo e do homem é que efetua a reconciliação. Para as seitas, reconciliação é isto: o Salvador fez com que Deus se mostrasse **disposto** a salvar os homens, desde que estes, por sua vez, se demonstrem dispostos em serem reconciliados. Este, contudo, é um an-tievangelho. Deus **está** reconciliado! Por isso Paulo roga que nos reconciliemos com Deus (2 Co 5.20). Isto equivale a dizer: Deus está reconciliado com vocês por causa de Jesus Cristo! Por isso agarrem-se à mão que o Pai celeste está estendendo. Além disto o Apóstolo declara: «Um morreu por todos, logo todos morreram» (2 Co 5.14). Isto vem a significar: Cristo morreu pelos pecados de todos os homens; logo, a morte de Cristo é como se todos os homens tivessem morrido em pagamento do resgate de seus pecados. Por isto, da parte do homem nada se re-

quer com vistas à reconciliação; Deus já está reconciliado. A justificação já é uma realidade, não cabe ao homem tratar de consegui-la. Toda tentativa do homem, neste sentido, é um crime horrendo, uma luta contra a graça, contra a reconciliação e a perfeita redenção do Filho de Deus.

Segundo: As seitas erram na doutrina do evangelho. Consideram o evangelho uma mera instrução que mostra ao homem o que deve fazer para que receba a graça de Deus. Isto está errado; o evangelho não é outra coisa senão a mensagem de Deus ao homem, que diz: «Vocês foram redimidos de seus pecados; vocês estão reconciliados com Deus; seus pecados estão perdoados».

Terceiro: As seitas erram no que ensinam a respeito da fé. Consideram-na uma qualidade dentro do homem, que tem por objetivo aperfeiçoar este homem. E pelo fato de a fé aperfeiçoar, melhorar o homem é que eles a julgam tão importante e salutar.

É evidente e não se pode negar que a fé genuína transforma o homem completamente. A fé faz com que o amor inunde o coração do homem. Onde há fogo, há calor; do mesmo modo, onde existe fé, é inevitável que haja amor. Todavia não é este aspecto da fé que nos justifica, que nos dá o que Cristo já adquiriu para nós e que portanto já é nosso, desde que seja aceito. Para a pergunta: «Que devo fazer para que seja salvo?» a Escritura tem a seguinte resposta: «Você deve crer; não resta nada que você mesmo possa fazer». Foi assim que o Apóstolo respondeu a esta pergunta. O que ele disse ao carcereiro na realidade foi isto: «Nada lhe resta a fazer senão aceitar o que Deus fez por você; e você vai recebê-lo e será uma pessoa feliz».

Nenhuma doutrina da Igreja Evangélica Luterana é mais repulsiva aos reformados do que a doutrina que afirma que a graça de Deus, o perdão dos pecados, a justiça diante de Deus, a salvação eterna são obtidos exclusivamente através da confiança que o cristão deposita na palavra escrita, no batismo, na santa ceia e na absolvição. Os reformados argumentam que este caminho para o céu é por demais mecânico e por isto denunciam a doutrina luterana. Eles dizem: «De que aproveita o batismo com água terrena? O verdadeiro batismo é o batismo com o Espírito e com fogo». Do mesmo modo: «De que adianta comer e beber o sangue natural de Cristo? O verdadeiro alimento que mata a fome e a verdadeira bebida que mata a sede da alma é a verdadeira desceu do céu». Por último, dizem: «De que me adianta um homem mortal, pecador, que não pode sondar o meu coração, afirmar que meus pecados estão perdoados? Meus pecados somente são perdoados quando o próprio Deus diz a meu coração que estou perdoado e permite que eu sinta esta verdade».

O batismo, segundo a Escritura Sagrada, não é um mero lavar com água terrena. O Espírito de Deus, sim, o próprio Jesus com seu sangue está ligado a esta água para purificar-me dos meus pecados. Por esta razão Ananias diz a Saulo: «Recebe o batismo e lava os teus pecados» (At 22.16); e Jesus diz a Nicodemos: «Em verdade, em verdade te digo:

Quem não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus» (Jo 3.5). Ele menciona em primeiro lugar a água e então o Espírito. Isto porque é através deste batismo com água que me é concedido o Espírito.

Em Gaiatas 3.27 o apóstolo afirma clara e inequivocamente: «Pois todos quantos fostes balizados em Cristo, de Cristo vos revestistes»; e em Tito 3.5-7: «Deus, segundo sua misericórdia, nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo, que ele derramou sobre nós ricamente, por meio de Jesus Cristo nosso Salvador, a fim de que, justificados por graça, nos tornemos seus herdeiros, segundo a esperança da vida eterna. Fiel é esta palavra».

Segundo a Escritura Sagrada, a santa ceia não é uma ceia terrena, mas uma ceia celestial na terra, na qual recebemos não apenas pão e vinho, ou apenas o corpo e sangue de Cristo, mas, junto com estes, nos são dados e assegurados o perdão dos pecados, vida e salvação. Isto porque Cristo, ao distribuir o pão que havia abençoado, disse: «Isto é o meu corpo, que é dado **por vós**. Fazei isto em memória minha». Com as palavras «por vós» Cristo quer alertar os discípulos para o fato de que naquele momento eles estavam recebendo e comendo aquele corpo cuja morte na cruz resgatava o mundo inteiro. Ele quer alertá-los para o fato de que eles deveriam estar saltando de alegria e contentamento, visto que o resgate pago pelos pecados de todo o mundo lhes estava sendo, por assim dizer, colocado na boca. Ao entregar o cálice que abençoara, Cristo disse: «Este cálice é o novo testamento no meu sangue, que é derramado por vós». Por que razão acrescentou ele as palavras «derramado por vós?» É que ele queria dizer: «Ao receberem, nesta Santa Ceia, o sangue da redenção, vocês estão ao mesmo tempo recebendo o que na cruz foi adquirido através deste sacrifício.»

Por último, de acordo com a Escritura Sagrada, a absolvição anunciada por um pobre e pecaminoso pregador não é sua absolvição, mas a absolvição do próprio Jesus Cristo. Isto porque o pregador absolve em função da ordem de Cristo, em lugar de Cristo, em nome de Cristo. Cristo disse a seus discípulos: «Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio» (Jo 20.21). Qual é o significado destas palavras? Simplesmente este:

«Eu fui enviado por meu Pai. Quando eu me dirijo a vocês, estas minhas palavras são de meu Pai. Vocês não devem levar em conta a forma humilde em que me apresento. Eu venho em nome do Pai, em lugar do Pai, e as promessas que faço são palavras de meu Pai. Do mesmo modo como meu Pai me enviou, eu estou enviando a vocês. Vocês também devem falar em meu nome, em meu lugar». Por isso ele acrescenta: «Recebei o Espírito Santo. Se de alguns perdoardes os pecados, são-lhes perdoados; se lhos retiverdes, são retidos».

O Espírito Santo vem aos homens através da palavra. Um indivíduo pode imaginar que está cheio do Espírito a ponto de transbordar, quando na verdade tudo não passa de seu próprio espírito que está imbuído de fanatismo. O verdadeiro Espírito é recebido apenas mediante a palavra de Deus. Em cada passagem da Escritura Sagrada, em que se relata a conversão de pessoas, vemos que Deus quer tratar com o homem apenas mediante palavra e sacramentos.

A uma pessoa que está em condições de ouvir, posso anunciar o evangelho mediante palavras. Em se tratando de uma pessoa surda, que não pode ser atingida por palavras, posso atingir meu alvo tomando um

quadro do nascimento de Cristo com os anjos saindo dos céus, ou um quadro da sua crucificação. Por meio de gestos posso instruir o surdo sem dizer uma única palavra. É exatamente isto que Deus faz nos sacramentos; estes, por assim dizer, nos apresentam através de um quadro aquilo que Deus proclama de modo audível na palavra. «Os sacramentos são a palavra visível». O autor deste belo axioma é Agostinho. Por este motivo, quem deprecia e despreza os sacramentos, este, na verdade, está desprezando a própria palavra. Ridiculariza a Deus, fazendo com que ele não passe de um inditoso mestre de cerimónias, que nos prescreveu toda sorte de pantominas apenas para exercitar nossa fé.

As assim denominadas igrejas protestantes que se encontram fora do círculo da Igreja Evangélica Luterana, nada sabem do verdadeiro acesso ao perdão dos pecados que se dá através da palavra e, de modo mais generalizado, através dos meios da graça. Isto se demonstra, em especial, no fato de rejeitarem a absolvição que o pastor anuncia em público e no aconselhamento pastoral privado. Estas assim denominadas igrejas protestantes afirmam que, de todas as igrejas protestantes, a que menos foi reformada é precisamente a Luterana. Isto porque, segundo eles, a Igreja Luterana ainda conserva muito do fermento da Igreja Romana, sendo que o pior de tudo é a absolvição.

Contudo, o que nós ensinamos é completamente diferente do que aquilo que eles pensam. Ensinamos que «o ofício das chaves é **o poder peculiar que Cristo deu a sua igreja** na terra para perdoar os pecados aos pecadores penitentes e reter os pecados aos impenitentes, enquanto não se arrependerem». Convém notar esta frase: «o poder peculiar que Cristo deu a sua igreja!» Estas palavras deixam claro que este poder foi dado, não aos pregadores, mas, sim, à igreja. Os pregadores não são a igreja; eles são servos da igreja. Se eles são cristãos, então eles também são detentores do ofício das chaves, juntamente com os demais cristãos. Entretanto, o ofício das chaves não é exclusividade dos pregadores; ele pertence à igreja, a cada um dos membros da igreja. O mais humilde empregado possui as chaves tanto quanto o mais estimado superintendente geral. Os luteranos praticam a absolvição baseados nos seguintes fatores:

1. Cristo, o Filho de Deus, tomou sobre si e atribuiu a si todos os pecados de cada um dos pecadores, considerando-os como sendo seus próprios pecados. Por esse motivo João Batista aponta para Cristo, dizendo: «Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo!» (Jo 1.29).

2. Cristo, através de sua vida humilde, seu sofrimento, crucificação e morte, apagou e adquiriu remissão para todos os pecados. Nenhum homem foi excluído deste plano, desde Adão até o último que vier a nascer sobre a face da terra.

3. Ressuscitando a Jesus dentre os mortos, Deus Pai confirmou, colocou o selo da aprovação sobre a obra reconciliatória e redentora realizada por Cristo sobre a cruz. Através da ressurreição de Cristo, Deus declarou: «Sobre a cruz este meu Filho clamou: 'Está consumado'; e eu agora anuncio: 'Está consumado de fato!' Vocês pecadores estão salvos. Há perdão de pecados para todos. O perdão já é uma realidade; não lhes resta mais nada a fazer».

4. Cristo ordenou que se pregasse o evangelho a toda a criatura. Ordenou também que se pregasse perdão de pecados a todos os homens e que se lhes levasse a boa notícia: «Tudo o que é necessário para a salvação de vocês já foi feito. Se vocês perguntam: "que devemos fazer para que sejamos salvos?" então lembrem-se de que tudo já foi feito. Nada mais resta a fazer. Basta que vocês creiam que tudo isto foi feito por vocês, e vocês serão salvos».

5. Cristo não apenas ordenou que seus apóstolos e sucessores de ofício pregassem o evangelho e o perdão dos pecados em geral, mas, também, que anunciassem este doce conforto: «Você está reconciliado com Deus» a indivíduos que desejam ouvi-lo em particular. Porque, se o perdão de pecados foi adquirido para todos, então ele também o foi para cada um individualmente. Se eu posso oferecê-lo para todos, posso igualmente oferecê-lo a cada um em particular. Não somente **posso** fazê-lo; foi-me **ordenado** que o fizesse. Caso me negar a fazê-lo, serei um servo de Moisés e não um servo de Jesus Cristo.

6. Agora que o perdão dos pecados já foi adquirido, não somente o pastor está de modo especial incumbido de sua proclamação; cada cristão, homem ou mulher, adulto ou criança, tem a incumbência de fazê-lo. A absolvição anunciada por uma criança é tão segura como a absolvição de S. Pedro, sim, tão certa como a absolvição do próprio Cristo, caso ele novamente estivesse de modo visível diante dos homens para anunciar: «Seus pecados estão perdoados». Não há diferença alguma; o que importa não é o que o homem pode fazer, mas o que já foi feito por Cristo.

A remissão dos pecados não se fundamenta nalgum poder misterioso do pastor, mas, sim, no fato de que Cristo, muito tempo atrás, tirou os pecados do mundo, e que agora cada um está incumbido de falar a seu semelhante a respeito disto. É claro que esta é uma incumbência que compete de modo especial aos pregadores, todavia não em virtude de algum poder inerente a eles, mas porque Deus instituiu seu ofício para a administração dos meios da graça: palavra e sacramentos. É evidente que, numa emergência, um leigo tem autoridade para realizar o que um prelado ou um superintendente faz, e isto de modo legítimo e eficaz.

A contrição é necessária, todavia não para servir de meio para a aquisição do perdão dos pecados. Se eu sou um orgulhoso fariseu, por que haveria de me preocupar com o perdão dos pecados? Minha atitude será idêntica à do glutão, saciado, que despreza a melhor comida e bebida que lhe são oferecidas.

Convém que não interpretemos mal a Lutero. Ele não ofereceu o consolo do evangelho a pecadores que viviam em segurança carnal; para estes ele não tinha nada de conforto a dar. Mas quando se tratava de uma pessoa contrita e que ansiava pelo perdão dos pecados, ele prontamente dizia: Aqui está o perdão; aceite-o e você o terá.

Lutero igualmente está certo quando aconselha que não se deve procurar investigar a respeito da qualidade ou da suficiência da contrição. Isto porque qualquer um que quer depositar nisto sua confiança, fatalmente estará edificando sobre areia. Pelo contrário, o que o indivíduo deve fazer é louvar a Deus pelo fato de já ter recebido a absolvição; e então sua

contrição também será boa. Não devemos fundamentar a validade de nossa absolvição sobre a contrição; ao contrário, a contrição é que deve fundamentar-se na absolvição.

Lutero insiste em que se tenha fé nas palavras de Cristo: «Seus pecados estão perdoados». Duvidar desta afirmação equivale a fazer Cristo de mentiroso. Mesmo que o pastor anunciasse o perdão a uma tal pessoa por dez vezes consecutivas, isto de nada lhe adiantaria. Não podemos auscultar os corações das pessoas. Mas isto também não é de todo necessário. O que devemos fazer é voltar nossos olhos tão somente para a palavra de nosso Pai celeste, a qual nos informa que Deus absolveu todo o mundo. E este fato nos dá a certeza de que todos os pecados de todos os homens foram perdoados.

Vale isto também para o malfeitor da pior espécie que planeja um arrombamento para roubar e saquear? Há perdão para este? É evidente! O motivo, porém, por que esta absolvição de nada lhe aproveita é que ele não aceita o perdão que lhe é oferecido; ele não crê na sua absolvição. Se ele desse crédito ao Espírito Santo, ele deixaria de roubar.

Seria correio dar a absolvição a um patife desta espécie? Se você souber quem ele é, estará errando, pois você sabe de antemão que ele não vai aceitar o perdão. Estar consciente disto e mesmo assim administrar-lhe o sagrado ato da absolvição, implica em cometer um grande e terrível erro. Entretanto, a absolvição em si sempre é válida. Se Judas tivesse ouvido a mensagem do perdão, Deus teria perdoado os seus pecados; contudo, teria sido necessário que ele aceitasse o perdão. Para obter este grande tesouro que é o perdão, deve haver alguém que o conceda e um outro alguém que o receba. Uma pessoa descrente pode pensar e até mesmo afirmar que aceita o perdão, todavia em seu coração ele está determinado a levar adiante sua conduta pecaminosa e servir ao diabo. Logo, a verdadeira doutrina da absolvição não faz com que os homens permaneçam tranquilos e imperturbados; ao contrário, ela arranca-os para fora do reino do diabo, total e radicalmente.

A última parte da nona tese nos mostra, em especial, que a palavra de Deus não é aplicada corretamente «quando ... se indica o caminho das orações e lutas, com Deus aos pecadores que foram atingidos e atemorizados pela lei, para que desta maneira alcancem o estado da graça. Em outras palavras: quando lhes é dito que devem permanecer em oração e luta **até sentirem** que Deus os recebeu em sua graça.»

Há pessoas que se consideram bons cristãos quando, na realidade, são espiritualmente mortos. Nunca sentiram uma verdadeira angústia por causa dos seus pecados. Nunca foram aterrorizados por causa deles; o inferno que merecem jamais os amedrontou. Nunca caíram de joelhos diante de Deus, chorando amargamente sua terrível, maldita condição sob o jugo do pecado. Muito menos ainda choraram de alegria e glorificaram a Deus por sua misericórdia. Lêem e ouvem a palavra de Deus sem que esta lhes cause um impacto especial. Vão ao culto, recebem a absolvição, contudo não se sentem reconfortados; participam da santa ceia sem sentir absolutamente nada, permanecendo frios. Quando, esporadicamente, em seu íntimo, passam a preocupar-se com sua indiferença em assuntos pertinentes à sal-

vação e com sua falta de consideração para com a palavra de Deus, então procuram acalmar seus corações, dizendo que a Igreja Luterana ensina que a falta de sentimento não quer dizer nada. Argumentam que esta falta de sentimento não vai prejudicá-los e que, apesar disto, continuam sendo bons cristãos porque julgam que têm fé.

Entretanto, eles estão terrivelmente enganados. Quem se encontra na situação acima descrita, este não tem nada além de uma fé morta, uma fé no intelecto, uma fé ilusória, ou — para ser mais drástico — uma fé apenas de boca. Seus lábios dizem, «eu creio», mas o coração não está consciente disto. O indivíduo que não pode afirmar, conforme o Salmo 34. 8, que ele **provou** e viu que o Senhor é bom, este não deve afirmar que se encontra no estado da fé verdadeira. Além disso, diz o apóstolo Paulo (Rm 8.16): «O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus». É possível que o Espírito Santo testifique dentro de nós sem que o sintamos? Diante dum tribunal a testemunha deve falar de um modo que possibilite ao juiz ouvir o que ela está dizendo. O mesmo é necessário em nosso caso. De acordo com a palavra de Deus, quem nunca sentiu o Espírito testemunhando que ele é filho de Deus, este é espiritualmente morto. Ele não pode apresentar testemunho a seu favor e erra quando, apesar de tudo, se considera um bom cristão.

Romanos 5.1: A paz objetiva, estabelecida através do sangue de Cristo, já é uma realidade antes mesmo de nossa justificação. Logo, o Apóstolo deve estar falando de uma paz que se percebe, sente e experimenta.

Romanos 14.17: O Apóstolo não se refere a uma alegria mundana ou carnal, mas, sim, a alegria no Espírito. Quem experimentou todas as demais, menos a alegria no Espírito, este é espiritualmente morto.

O exemplo que temos na vida dos santos vem ao encontro deste ponto de vista. Seus corações continuamente irrompiam em louvores a Deus por tudo o que Deus fizera com eles. Este louvor pressupõe que seus corações estavam conscientes da misericórdia do Senhor para com eles. Poderia ter Davi exclamado: «Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e tudo o que há em mim bendiga ao seu santo nome. Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e não te esqueças de nem um só de seus benefícios. Ele é quem perdoa todas as tuas iniquidades; quem sara todas as tuas enfermidades» sem que para tanto tivesse tido uma experiência interior?

Por último, pergunte a qualquer indivíduo que apresenta todas as características de um cristão verdadeiro, se ele experimentou todas estas cousas das quais ele fala, e você verá que sua resposta vai ser afirmativa. Ele vai assegurar-lhe que seu coração se comove toda vez que lhe vem à mente o amor de seu Salvador. Por outro lado, ele também dirá que, apesar da certeza de ter alcançado a graça, ele é frequentemente sobressaltado por temores e angústia em vista da lei.

Muitas pessoas afirmam que, para obter a certeza do perdão dos pecados, é necessário que se ore, lute, e faça um empenho tal até que, finalmente, um sentimento de alegria brote no coração do indivíduo indicando, de um modo misterioso, que a graça está em seu coração e que agora ele pode consolar-se com o perdão de seus pecados. Quem afirma isto, faz

uma grave confusão entre lei e evangelho. Por outro lado, a graça propriamente dita nunca está no coração do homem, mas, sim, no coração de Deus. **Em primeiro lugar, a pessoa deve crer; depois disto ela poderá igualmente sentir.** O sentimento provém da fé, e nunca o inverso. Se a fé do indivíduo provém do sentimento, esta certamente não será a fé genuína;

porque a ifé requer uma promessa divina à qual ela se apegar. Logo, podemos estar certos da genuinidade da fé daqueles que podem dizer: «Nada no mundo tem tanto valor para mim quanto o precioso evangelho. Sobre este eu edifico minha vida».

1 João 3.19-20: Há momentos em que o cristão sente a acusação de seu coração. Na tentativa de tranquilizá-lo, uma voz lhe dirá que ele não passa de um condenado, que não há perdão de pecados nem misericórdia para ele, que ele não é filho de Deus e que portanto não pode contar com a vida eterna. Para aquele que passa por esta experiência, o apóstolo diz:

«Se o nosso coração nos acusar, certamente Deus é maior do que o nosso coração». Isto significa: O nosso coração na verdade é um juiz; todavia, não passa de um juiz subalterno. Um juiz superior, isto é, Deus está acima do nosso coração. Por esse motivo posso dizer a meu coração:

«Tranquiliza-te!»; e à minha consciência: «Cala-te!» E isto porque apelei ao supremo tribunal e inquiri de Deus, o Supremo Juiz, se estou livre de meus pecados ou não; e o supremo tribunal, que sempre pode alterar a sentença de um tribunal de instância inferior, decretou que meus pecados estão perdoados, porque estou apegado à palavra de Deus. Feliz é aquele que, pela graça de Deus, realmente crê nisto! Ainda que todos os demónios gritem desde o inferno: «Você está condenado!», ele pode responder-lhes: «De maneira nenhuma; eu não estou condenado mas, sim, estou salvo para sempre. Aqui está a evidência escrita na palavra de Deus». E a seu tempo a sensação da graça voltará a tomar conta de sua vida. É possível que no preciso instante em que determinado cristão imagina que lhe falta o sentimento, que ele não passa de um indivíduo frio, morto, miserável, perdido, para quem a palavra de Deus tem gosto de podridão, que não aprecia o perdão e carece do testemunho do Espírito dentro de si — é possível que, num momento destes, inesperadamente, um sentimento de grande alegria inunda seu coração. Deus não permitirá que ele fique no lamaçal do desespero.

Deve ficar claro, entretanto, que não podemos prescrever normas para Deus. Existe uma grande diferença de cristão para cristão. Alguns têm a ventura de serem conduzidos por Deus através de um caminho sem muitos obstáculos; desfrutam uma sensação agradável contínua e nunca são sobressaltados por fortes conflitos. Porque as pessoas que notam que suas experiências harmonizam com a palavra de Deus, não precisam mais lutar por esta harmonia. Outros, entretanto, são quase que continuamente conduzidos por Deus através de caminhos tenebrosos, caminhos de grande angústia, tremendas dúvidas, e aflições as mais diversas. Neste último caso, devemos saber distinguir entre aquele que é espiritualmente morto e aquele que está aflito. Esta distinção não é difícil. Se eu me preocupo com a falta de um maior sentimento da graça em minha vida, e se eu o desejo ansiosamente, este fato vem provar que eu verdadeiramente sou cristão. Porque aquele que deseja crer, já é crente. Ou seria possível

que alguém se mostrasse disposto a crer em algo que ele considera falso? Ninguém deseja ser iludido. Tão logo eu desejo crer em algo, eu, na verdade, já o estou crendo, secretamente.

João 20.29: A admoestação que o Senhor dirige a Tomé mostra que, **em primeiro lugar**, devemos crer para somente **então** ver, e não primeiramente querer ver para crer. Se isto é assim, então também fica claro que não devemos em primeiro lugar **sentir**, mas crer e então esperar que Deus nos conceda a doce sensação de que nossos pecados nos foram tirados.

Hebreus 11.1: Se esta é a definição de fé, a saber, uma confiança inabalável, segura, um não-duvidar, não-vacilar, então é evidente que esta fé não deve ser baseada naquilo que se vê, sente e experimenta. Se assim for, estaremos edificando sobre a areia. E a estrutura edificada sobre a areia em pouco tempo desmorona.

O grande erro que todas as seitas têm em comum é o seguinte: elas confiam, antes de tudo, naquilo que se passa em seu íntimo ao invés de confiar tão-somente em Cristo e sua palavra. Via de regra imaginam que tudo está bem em suas vidas porque se converteram. Como se isto fosse garantia de que se vai alcançar o céu! Para ter esta certeza, esta garantia, não devemos voltar nossos olhos para a nossa conversão; ao contrário, devemos sempre de novo, dia após dia, recorrer ao nosso Salvador como se na verdade nunca tivéssemos sido convertidos. Minha conversão no passado de nada me adiantará se eu me transformar num pecador imper-turbado. Devo diariamente dirigir-me ao trono da graça. Caso contrário, isto é, se depositar a confiança em minha conversão, que se deu no passado, estarei fazendo com que esta conversão seja meu salvador. Isto seria terrível; porque, em última análise, eu mesmo seria meu salvador.

10ª TESE

Em sexto lugar, a palavra de Deus não é aplicada corretamente quando o pregador descreve a fé de um modo que dá a entender que uma mera aceitação passiva de certas verdades justifica e salva diante de Deus, mesmo que se esteja vivendo em pecados mortais; ou, também, quando se dá a entender que a fé justifica e salva porque produz amor e transforma a vida das pessoas.

Lutero ensinava que todo aquele que desejava ser salvo deveria ter uma fé **que se manifestasse em amor espontâneo e fosse operosa em boas obras**. Isto não significa que a fé salva em virtude do amor que dela emana, mas, sim, que a fé, que é obra do Espírito Santo e não pode senão. manifestar-se através de boas obras, justifica pelo fato de se apegar às graciosas promessas de Cristo, pelo fato de apreender a Cristo. Ela se manifesta em boas obras precisamente por se tratar da fé verdadeira. Não é preciso que se exorte um cristão à prática de boas obras; sua fé automaticamente as fará. A motivação neste sentido não deve ser um senso de dever em relação ao perdão dos pecados; a questão simplesmente é esta: ele não pode de modo diferente. É absolutamente impossível que a fé verdadeira no coração do crente não se manifeste em obras de amor.

Gaiatas 5.6: Se a fé é inoperante e não se manifesta em amor, isto não se deve ao fato de haver uma falta de amor e sim ao fato de a fé que existe ser irreal, incorreta. O amor não é algo que deve ser acrescentado à fé; ele emana da fé. Uma árvore frutífera não produz frutos porque alguém lhe ordena que assim seja. Não; enquanto há vitalidade nela, enquanto ela não está seca, ela espontaneamente vai produzir frutos. A fé é uma tal árvore; demonstra sua vitalidade produzindo frutos.

Atos 15.9: Quem afirma possuir uma fé inabalável, a qual ele nunca abandonará, mas ainda tem o coração impuro, este deve saber que ele se encontra em densas trevas e que, em última análise, não tem fé. Você pode considerar verdadeiras todas as doutrinas pregadas na Igreja Luterana; contudo, se o seu coração permanece no estado original, possuído de amor ao pecado, se você ainda peca contra sua consciência, então saiba que sua fé não passa de simulação. Sua fé certamente não é aquela à qual o Espírito Santo se refere quando emprega o termo 'fé' nas Escrituras Sagradas. Isto porque esta fé — a genuína, a verdadeira — purifica o coração.

João 5.44: Estas palavras constituem uma terrível sentença do Salvador contra aqueles que procuram a glória dos homens: eles não têm fé. Um dos frutos da fé é precisamente este: a partir do momento em que ela é implantada no coração, ela faz com que toda a glória seja dada somente a Deus.

Por natureza todos nós somos arrogantes, orgulhosos e ambiciosos. Somente o Espírito Santo pode banir esta tendência perniciosa de nossos corações. Contudo, nunca nos livramos dela por completo; um resquício de mal permanece no coração. Quando um cristão se dá conta de sua presença, ele o detesta, recrimina a si mesmo, sente-se envergonhado a respeito de si mesmo e pede a Deus que o livre destas abomináveis tendências para o orgulho.

As palavras do Salvador são uma pergunta retórica e significam: vocês não podem crer simplesmente porque crer e buscar a glória que vem dos homens são duas coisas que não podem existir juntas. Quando a fé toma conta do coração, ela faz com que a pessoa que crê se torne humilde diante de Deus e diante dos homens.

Tiago 2.1: Quem considera o rico e despreza o pobre, somente por causa da riqueza daquele, estará levando em conta a aparência das pessoas. E isto é algo que a fé não pode tolerar. O cristão não deve considerar seu semelhante do ponto de vista de sua personalidade, mas, sim, do ponto de vista de seu relacionamento com Deus. Para ele, um pobre mendigo, que também foi resgatado pelo sangue do Filho de Deus, é tão digno quanto um rei ou um imperador.

Tais milagres são operados pela fé em nossos corações!

Entretanto, descrever a fé justificadora e salvadora como sendo uma mera aceitação passiva de certas verdades, que pode coexistir a pecados mortais, implica em transformar a fé em obra que o próprio homem pode operar em si e conservar dentro de si, mesmo enquanto está cometendo pecado. A fé verdadeira é um tesouro que somente o Espírito Santo nos pode conceder.

Fé e boa consciência andam de mãos dadas. A pessoa que não tem a consciência tranquila, certamente carece da fé. De tais pessoas o Apóstolo afirma que elas «vieram a naufragar na fé» (1 Tm 1.19).

Até mesmo depois de nossa conversão falta-nos muito do verdadeiro temor de Deus, e todos os nossos pecados continuam sendo pecados de vulto. Mesmo os assim denominados pecados de fraqueza, dos quais o justo não consegue se livrar, não devem ser considerados de pouca importância. Apesar de não extinguiem a fé, não devem ser levados na brincadeira.

A segunda parte desta décima tese afirma que a palavra de Deus, lei e evangelho, não é aplicada corretamente **quando o pregador descreve a fé de um modo que dá a entender que ela justifica e salva porque produz amor e transforma a vida das pessoas.**

O elemento, o aspecto da fé que justifica e salva o homem, não é a renovação do coração, o amor e as boas obras que ela produz.

Romanos: 4.16: O verdadeiro motivo por que ensinamos a justificação pela fé é porque também ensinamos que a pessoa é salva e justificada diante de Deus pela graça. Entretanto, se a fé nos pudesse justificar em virtude de alguma boa qualidade dentro de nós, então seria errado concluir que o indivíduo é justificado pela fé, já que ele é justificado e salvo pela graça. A justificação se dá por graça, através da fé; entretanto, não em função das boas qualidades que acompanham a fé. Estas não entram em consideração na questão da justificação. Na justificação entra em consideração apenas o fato de que Jesus Cristo há muito tempo redimiu o mundo, fez e sofreu tudo aquilo que os homens deveriam ter feito e sofrido, bem como o fato de que agora os homens precisam apenas aceitar esta obra como se tivesse sido realizada por eles próprios. Logo, o caminho da salvação é este: nós não fazemos nada, absolutamente nada para a nossa salvação; Cristo já fez tudo por nós. Basta que nos apeguemos ao que ele fez, busquemos consolo nesta sua obra redentora concluída, e confiemos nele para a nossa salvação. Se alguma coisa que nós devemos fazer fizesse parte da fé, na medida em que ela nos justifica, então, nesta passagem, o apóstolo estaria tirando uma conclusão falsa.

Filipenses 3.8-9: O Apóstolo declara-se justo. Entretanto, a justiça que ele obteve através da fé não se trata de uma justiça própria, mas, sim, da justiça de Cristo. Logo, se somos justificados pela fé, então o somos através de uma justiça alheia. Em nós Deus não vê absolutamente nada que ele pudesse levar em conta para nossa justificação. Através da fé recebemos a justiça de Alguém Outro. Nós não a conseguimos por nós mesmos, nem contribuimos em algo para que ela viesse a existir.

Romanos 4.5: Todo aquele que tem fé verdadeira reconhece que, no passado, ele não era nada .mais que um ímpio e que um milagre da graça de Deus aconteceu em sua vida quando Deus, no momento em que ele creu em seu Salvador, lhe disse: «Você agora é considerado justo. Em você, não vejo nada que o pudesse justificar; contudo, eu o envolvo com a justiça de meu Filho e, de agora em diante, não vejo em

você outra coisa que não seja justiça». Todo aquele que não vem a Cristo na qualidade de ímpio, este de maneira nenhuma pode vir a ele.

Efésios 2.8-9: Estas palavras soam como se o Apóstolo sentia que ainda não tinha dito o suficiente para evitar que seus leitores se desviassem para o caminho da justiça própria. Para começar, ele diz: «Pela graça sois salvos»; então ele acrescenta: «mediante a fé». Temendo que alguém pensasse que adquiriu a graça através da sua fé, o Apóstolo continua: «e isto não vem de vós». Donde vem, então? «É dom de Deus». E, para eliminar por completo o mérito pessoal, ele acrescenta: «não de obras», tais como o amor, a caridade. E ele conclui, afirmando: «para que ninguém se glorie».

Romanos 11.6: O Apóstolo esforça-se por esclarecer a questão da graça. Ele leva seus leitores a concluir que, se admitem que sua salvação é «pela graça», ela não pode de maneira nenhuma ser pelas obras, pois isto fatalmente destruiria o conceito «graça». Adicionando-se o mérito à graça, anula-se esta última. Por outro lado, se a salvação é pelo mérito das obras, então a graça não entra em consideração, pois, se assim fosse, o mérito deixaria de ser mérito. Nada resta ao indivíduo fazer senão crer firmemente que ele foi declarado justo pela pura, eterna, misericórdia de Deus, através da fé. O fato de sua fé produzir bons frutos, vem depois, depois que ele já recebeu tudo o que é necessário para sua salvação. Primeiramente a pessoa é salva, e só então ela passa a viver uma vida piedosa. Em primeiro lugar ela deve ser herdeira do céu, e então ela será uma pessoa diferente.

Por este motivo Lutero diz que a religião cristã é, em resumo, uma religião de gratidão. Todo o bem que o cristão realiza, ele não o realiza para merecer algo. Nós também nem saberíamos o que fazer para merecer algo. Tudo já nos foi dado: justiça, nossa herança eterna, nossa salvação. O que nos resta a fazer é agradecer a Deus. Deve-se ainda considerar que Deus, em sua bondade, se dispõe a conceder uma glória especial, além da salvação, àqueles que são fiéis de modo especial. E isto, na eternidade, não é algo insignificante. Pois quando o Deus do amor concede estes dons de glória, ele os dá sem medida. Na eternidade haverá uma grande diferença de cristão para cristão. Isto porque o insignificante «mais» que um dos santos receber além de seus co-herdeiros, no céu será algo extremamente significativo, porque será de caráter eterno.

As verdadeiras boas obras são, portanto, aquelas que fazemos impulsionados pela gratidão a Deus. Quem tem a fé verdadeira nunca vai pensar que merece algo de bom para si em troca do que faz. Ele não pode fazer outra coisa senão expressar sua gratidão em amor e boas obras. Seu coração foi transformado; foi mitigado pela riqueza do amor de Deus que experimentou. Além e acima disto. Deus é tão gracioso que recompensa mesmo as boas obras que ele realiza em nós. Porque as boas obras que o cristão faz, são, na verdade, obras de Deus.